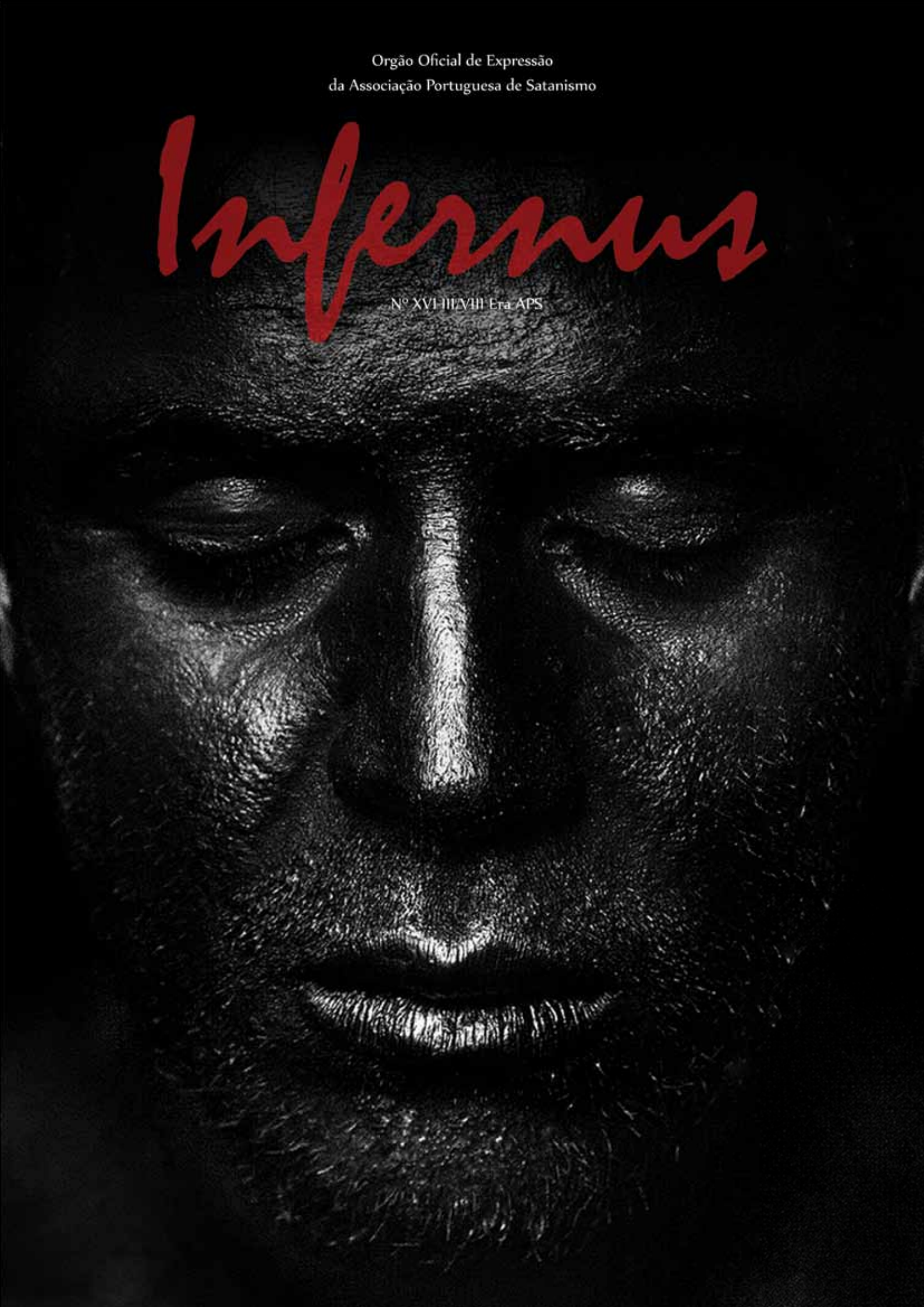


Orgão Oficial de Expressão
da Associação Portuguesa de Satanismo

Infernus

Nº XVI III/VIII Era APS





ÍNDICE

O Meio é a Mensagem -----4

Metzli

Conta-me esses vícios ----- 6

Mosath

O Tabaco ----- 12

Sofia P.

Abel Ferrara's - The Addiction ----- 14

Devis DeV deviLs g

Entrevista Charles Sangnoir ----- 16

Lurker

Satan e o Caminho do Entre ----- 22

Vitor V.

Dependência vs Compulsão ----- 26

Naive

Contra-História das Drogas ----- 30

B.M. Resende

O Monstro, o Escravo, o Hábito e o Criado dele ----- 36

Outubro

Ficha Técnica

Infernus XV

Editor: Lurker

Produção: Fósforo, Colectivo Criativo

Equipa Editorial: Black Lotus, Outubro, Mosath, BM Resende

Colaboradores: Devis, Vitor Vieira, Sofia P., King Chaos, Naive, Metzli, Paulo César

Revisão: Metzli

Créditos das Imagens:

- Imagem da Capa: Paulo César (<http://www.paulocesar.eu/>)
- Pág.2: Sergio Halaby (<http://sergiofx.deviantart.com>)
- Pág.4: Robert Franckowiak (<http://franz85.deviantart.com>)
- Págs. 6, 8, 9, 11, 23, 25, 28, 30, 31: Paulo César (<http://www.paulocesar.eu/>)
- Pág.10: Mosath (<http://gotasliricamentecoaguladas.blogspot.com/>)
- Pág.12: Orhan Tagirov (<http://tagirov.deviantart.com>)
- Pág.14: grENDel (<http://olhares.aeiou.pt/grendel>)
- Pág.15: The Addiction (<http://thelifecinematic.com/board>)
- Pág.16: Zetor (<http://zetor.deviantart.com>)
- Pág.17, 18, 19, 21: Charles Sangnoir (<http://www.myspace.com/lachansonnoire>)
- Pág.22: Philippe Stori (<http://new-order.deviantart.com>)
- Pág.26, 27, 36, 37, 39: José D' Almeida & Maria Flores (<http://fourhandsphoto.com>)
- Pág.29: Nigel Aves (<http://nigel-aves.deviantart.com>)
- Pág.32: National Geographic (<http://nationalgeographic.com>)
- Pág.33: Desconhecido (<http://gnosi.it>)
- Pág.34: Vitor Kobbaz (<http://vitorkobbaz.com/>)
- Pág.35: Desconhecido (http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Exaltation_fleur_Louvre_Ma701.jpg)
- Pág.38: Ryan Ruffatti (<http://hallopino.deviantart.com>)



Editorial

Lurker

Quando decidimos dedicar esta edição da *Infernus* às temáticas da compulsão, do vício e da dependência estávamos bem cientes do paralelo com a própria revista em que essas temáticas iam ser expressas – porque também ela é uma compulsão, um vício, uma dependência, mas no sentido positivo de cada uma dessas expressões.

Explorá-las é também explorarmos um pouco de nós mesmos – todos temos as nossas particularidades, as

nossas idiossincrasias, os nossos hábitos. Alguns têm os seus vícios, dos quais dependem, e deixam que se tornem em compulsões – aqui traçamos uma linha perigosa entre o controlo e a sua ausência. Porque se a paixão faz com que de facto a vida mereça ser vivida, abdicar da nossa individualidade para ceder aos caprichos de uma dependência, por exemplo, destrói essa experiência transcendental.

Pela minha parte, o meu vício é o coleccionismo, essencialmente a nível

literário e musical. Despendo muitas energias à procura dos discos mais obscuros das minhas bandas preferidas, e das primeiras edições dos livros dos autores que mais aprecio, e muito tempo a apreciar o resultado dessa procura. E se o objecto em si não é o derradeiro fim, o que ele representa é intoxicante e desperta algo verdadeiramente primordial. Acredito que cada um que lê estas linhas terá um exemplo semelhante que se aplique a si próprio.

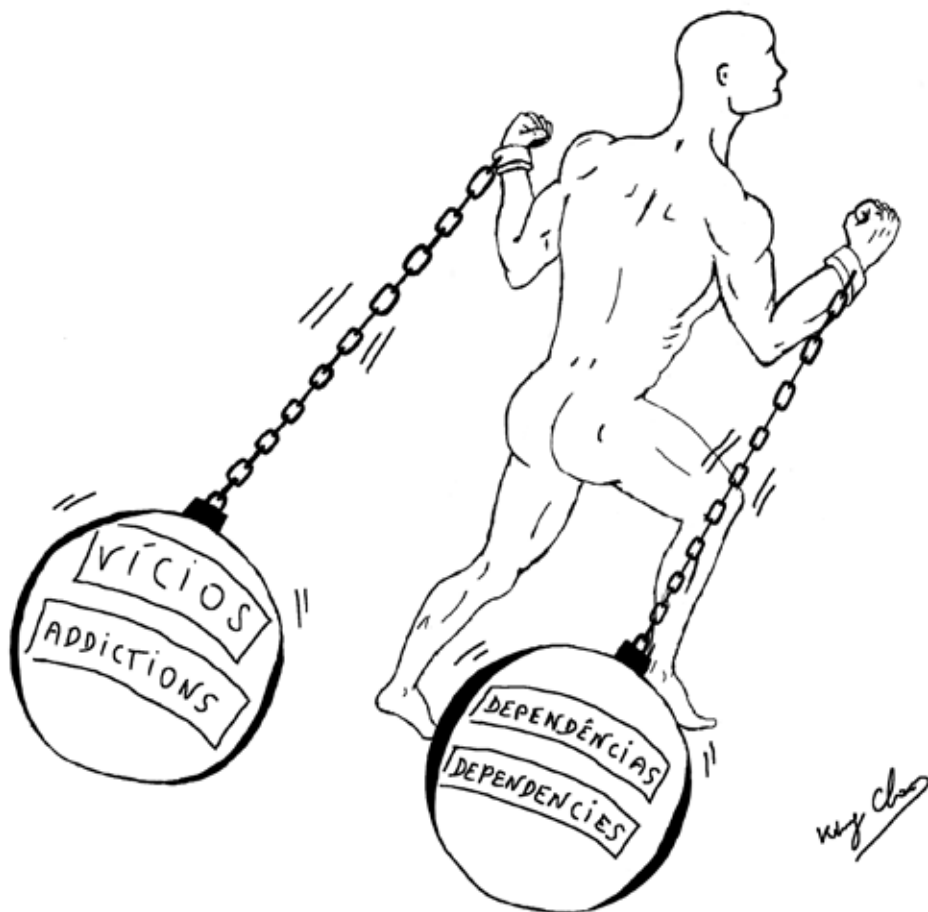
Importante é não cedermos aquilo que somos em prol de algo manifestamente efêmero – fomos à procura do que vicia aqueles que nos rodeiam, e descobrimos de tudo um pouco. Desde as dependências mais tradicionais, como o tabaco, às recentes compulsões, como as comunidades virtuais, tudo é explorado nas páginas desta 16ª edição da *Infernus*. E, claro, os nossos colaboradores residentes fazem-nos percorrer um carrossel de emoções enquanto desfilam vícios, dependências e compulsões para nosso deleite.

No entanto, o destaque desta edição recai definitivamente na entrevista com Charles Sangnoir, um indivíduo na verdadeira acepção da palavra, senhor de uma conversa sem igual e com quem tivemos o grande prazer de trocar algumas ideias. Reforçamos também a nossa aposta em descobrirmos um pouco melhor uma vaga de artistas nacionais que navegam muitas vezes em terrenos menos conhecidos, e que merecem ser descobertos. Para o ajudar a conseguir, a HellOutro Enterprises lança o novo disco de La Chanson Noire, numa aposta clara no que tem qualidade dentro das nossas fronteiras.

Tudo isso e muito mais dentro das páginas desta nossa/vossa revista. Este vício que se entranhou no nosso organismo há quase quatro anos tem agora mais um episódio, e parece-me que não vai ficar por aqui. Por isso, nada melhor do que marcarmos presença no próximo Solstício – porque não vamos perder esta dependência tão cedo. •

Cartoon-h-ell

King Chaos





O Meio é a Mensagem

Metzli

Adoro a maioria das Novas Tecnologias, a possibilidade de habitar diferentes realidades e de dar forma à multiplicidade do ser que vamos carregando cá dentro. Contudo, penso... Serão todas estas comunidades virtuais, que têm explodido nos últimos anos, um suplemento ou um substituto?

Tenho de concordar que, para muitos, a Internet será o meio mais acessível para a troca de experiências sobre os mais variados temas. O Homem, que antes recebia a informação já seleccionada e “embalada”, agora tem a possibilidade de produzir e, principalmente, de partilhar a sua obra. Os jovens não sabem já onde ficam as bibliotecas e perderam a capacidade de consultar as versões impressas. Para que haveriam de o fazer? Tudo está à distância de um clique. Por outro lado, os próprios estabe-



lecimentos de ensino apostam cada vez mais no ensino à distância, onde cada aluno pode encontrar os seus pontos fracos e melhorá-los, sempre contando com a ajuda dos seus colegas de rede.

É normal que assim se vão criando hábitos de viver pela rede, uma vez que é lá que, cada vez mais, a sociedade evolui. A magia em tempo-real. Cria-se a ideia que se pode viver tudo nesta plataforma, e há mesmo eventos que apenas se passam online e informação que é trocada desta forma tão simples e rápida, o que pode levar a alguns casos graves de infoexclusões.

As comunidades virtuais vão aparecendo e crescendo a uma velocidade impossível de controlar. Primeiro uma, depois outra, e mais outra, e mais outra e assim até ao infinito. E o Homem de hoje tem curiosidade e quer experimentar todas elas, utilizar todas as suas funcionalidades, ver as semelhanças e diferenças, até que quando já fez tudo o que tinha para fazer acaba por ficar mais um pouco pelos outros utilizadores, que conheceu e a quem se ligou, por um motivo ou por outro. No final, pouco tempo sobra de um dia em que se visita e actualiza os registos nessas comunidades para fazer algo mais.

Se pesquisarmos no Google por “Satanismo+fórum”, obtemos diversas páginas de resultados. Os fóruns são apenas uma forma de trocar experiências e a que tomaremos como universo do nosso estudo nas próximas linhas. Todos estes fóruns que assim encontramos (e reparem que a pesquisa é só em português) são alimentados por milhares de utilizadores, que todos os dias comentam as imensas mensagens que vão surgindo. Os números são publicados com orgulho. Mas eu sempre fiquei com uma questão pendente. Se existem tantos utilizadores que defendem tão ardentemente (como iremos ver mais à frente) o Satanismo nas plataformas virtuais, porque é que eu conheço tão poucos de carne e osso? E tenho aqui que sublinhar o facto de alguns desses poucos não marcarem presença em fóruns. Ou sou anti-social (que poderá muito bem ser uma hipótese plausível) ou...

Apesar de outros existirem por essa rede fora, como já vimos, tomarei o exemplo do nosso fórum. Mais por orgulho e proximidade, e também por ser o primeiro a surgir na lista, do que por se tratar de uma amostra mais próxima da realidade (que desconheço se será ou não). Contam-se 2386 utilizadores registados. Bem menor será o número de utilizadores que participam activamente e de forma regular, mas mesmo assim maior do que os meus conhecidos.

Registei-me no fórum já lá vão3

“Se existem tantos utilizadores que defendem tão ardentemente (...) o Satanismo nas plataformas virtuais, porque é que eu conheço tão poucos de carne e osso?”

anos. Não sabia bem porquê, as visitas não foram muitas, mas eu acreditava que seria pela impossibilidade de ligação a partir de casa. Bem mais tarde, depois de já terem passados dias suficientes para me fazer esquecer os dados de acesso, pensei dar uma segunda oportunidade aos fóruns (que, de uma forma muito generalista, não me diziam nada). Mas o que encontrei foi um ambiente agreste em demasia para o que eu procurava.

O tom das mensagens, que nem sempre se relacionam com o Satanismo e/ou pouca relevância apresentam (mas não é por aí que eu pretendo ir, sob o risco de me desviar da perspectiva em que desejo explorar o tema), pessoalmente, parece-me agressivo, muito pouco tolerante, mas fervilhante, aguerrido. Quão bem poderia ser aplicado todo esse espírito crítico, mais do que aguçado, para criar. Contudo, no plano real da vida, há muito pouco que vejo ser construído.

Acho que foi na sequência das reflexões sobre esta questão que comecei a formular a minha ideia de que muitos satanistas existem apenas no plano digital. Porque se assim não fosse, como se justificaria que o caminho real fosse criado sempre pelos mesmos? Só alguns têm sonhos, metas, objectivos? Onde está o orgulho em ser satanista? O sorriso mal disfarçado sempre que se pronuncia uma palavra que tenha alguma relação etimológica com *Satan*?

Pensar nos primeiros números da *Infernus* leva-me a pensar nisso. Entre 2386 utilizadores, a obra foi construída por uma mão de satanistas. E também não deixa de ser curioso observar os comentários (ou a falta deles) no fórum. E esta publicação é apenas um exemplo, como muitos outros teremos dentro da Associação. Porque participar neste tipo de movimentos é estar a entrar e

a mover-se fora da rede e estar a trabalhar para um resultado físico, muito além dos bits habituais.

Apesar de em nada se relacionar com o Satanismo, lembro-me de um professor de Faculdade que recusava sucessivos convites para confraternização devido a compromissos com a sua “família” no *Second Life*. E sempre que pretendíamos falar com ele tínhamos de nos ligar à rede. Uma pessoa fantástica, mas que se foi envolvendo na rede a ponto de ter mesmo uma segunda vida, às vezes mais importante do que a primeira.

A Bofira é um conjunto de zeros e uns que, às vezes, sorri e passeia com a namorada. Outras, vai às compras e passa os dias a alterar o seu aspecto. Mas quando faço *logout*, nem tudo desaparece. Há uma parte dela que continua a existir, a parte em que as nossas vidas se cruzam. Porque eu continuo a ir às compras, a passear e a sorrir; porque eu dou uma parte de mim ao meu avatar.

Claro que nem sempre as persónas virtuais têm bases reais. O virtual tem a vantagem de não ser real (ou não ter obrigatoriamente de o ser). Desde o aparecimento das salas de chat que o indivíduo vê na rede uma escapatória. Pode usar uma máscara de bits e ser quem quiser, não necessariamente ele próprio. À semelhança do cinema, dos livros, pode criar a sua personagem e vivê-la. E os outros vão tomá-la como real. Perfeito!

Considero porém que há um ponto preocupante em todo este universo, que é quando, ao desligar a máquina, a personagem morre. Se a personagem for 100% virtual, ficará sempre pela rede, e morrerá assim que a ligação se romper. E todos sabemos que a ligação acaba sempre por cair... E o que eu vejo por todos estes fóruns sobre Satanismo é que há muitas personagens que não sobrevivem ao desligar da corrente e acabam por se esfumar. As vidas das pessoas de carne e osso que criaram a personagem continuam, por caminhos paralelos até um novo registo na rede. Esta forma de viver o Satanismo causa-me alguma confusão e não consigo mesmo compreender.

Há uma frase, cujo autor desconheço, que me tem acompanhado ao longo da vida e que para mim faz todo o sentido, prindipalmente em relação a esta temática. “*Quem gosta, gosta sempre*”. Vive sempre. Entrega-se sempre. Arregaça as mangas e constrói. Independentemente da plataforma e de quem está ao seu lado.

Sendo assim, não entendo. Se alguém me quiser explicar... •



CONTA-ME ESSES VÍCIOS

Mosath

O meu nome é Joaquim.

O meu nome fazia orientação ao significado de um homem humilde e que se esforçava por estar dentro das linhas e dos limites normais, incluindo dos matemáticos. Expressividade contínua de um homem que não fez uma daquelas coisas consideradas menos quotidianas mais do que umas boas dezenas de vezes, para não constituir-me em mais um caso de vício, hábito e/ou mania. Uma alma

vegetariana – se é que era isto que pretendia escrever –, em puro de ciclos com tendência a desequilibrar a minha razão.

Aquilo que vos contarei de seguida deverá ser classificado como uma pura coincidência da realidade.

Em plena Primavera, o Sr. Manuel, amigo pessoal e proprietário de uma modesta mercearia numa das zonas mais bairristas de Lisboa, convidou-me a visitar a cidade para que observasse de perto o rumo do seu negócio, prometendo-me à condição a reserva de uma surpresa, para além de uma con-

versa com oferta de um trabalho para mim. O Sr. Manuel era um grande amigo dos meus pais, sendo que as bases dessa amizade se ergueram no passado em que moravam mais próximos uns dos outros e lidavam com produções e exportações de leguminosas. Eu não tinha trabalho e, franca e abertamente, sentia uma curiosidade em viajar até ao Sr. Manuel e ao seu mundo.

Cheguei a Lisboa da parte da manhã. Fazia um frio renovador, juntamente com uma luz bem-disposta. Dirigi-me depois para a zona lisboeta onde



existia a mercearia do Sr. Manuel.

A entrada da mercearia preenchia-se com azulejos de mensagens de tradição popular e provérbios. No chão, um tapete de boas-vindas em vermelho limpava as solas do meu calçado. A sensação de chegada a um local novo para mim conquistou os meus passos e a minha vida, essa, mudou depois que entrei na mercearia.

O Sr. Manuel estava com uma recente companheira, segundo os meus pais, na faixa etária e atitude semelhantes às dele. Aquele facto presenciado fisicamente tornou reais as suspeitas que ouvira dos meus pais, que tinham que ver com a paixão generalizada que o Sr. Manuel cultivava pelas mulheres: um apaixonado por qualquer mulher e ao mesmo tempo um fracasso para aguentar uma num relacionamento por muito tempo. Era um mulherengo compulsivo, traidor, mas no ar senti algo que me dizia que aqueles dois estavam juntos com firmeza e assim haveriam de ficar dali para a frente, sem dúvida! Seria apenas amor, poesia?

O Sr. Manuel arregalou os olhos num misto de alegria e alienação forçada. Falou de imediato à Sra. Maria de mim, que eu era o jovem por que esperavam. Pousou a faca do queijo num balcão pequeno atrás das suas costas largas típicas de um homem que é espezinhado ao longo de uma vida e permitiu-se a, num passo semelhante a uma corrida por comida, abraçar-me e a bater com graciosidade aparente nas minhas costas de viajante chegado e cheio esperanças. A Sra. Maria acenou-me tranquilamente de trás do balcão, ao mesmo tempo que observou a entrada de três clientes habituais da sua mercearia.

- Joaquim, rapaz! Chegaste à nossa humilde caverna de negócios! Ehehe. Ah! Não me leves a mal, Joaquim. Estou contentíssimo por teres chegado bem até nós. Ainda bem que vieste, é ótimo saber de um jovem amigo que usa o seu tempo no calçado dos velhos! – Exclamou o Sr. Manuel, divertidíssimo.

- Olá, Sr. Manuel! Já vai algum tempo desde o último contacto cara-a-cara. Estou igualmente contente por já chegar aqui, tendo esta sua recepção calorosa aumentado o meu sentimento de bem-estar! Muito obrigado pelo seu convite, meu velho... – agradei, puxando por uma forma de tratar o Sr. Manuel, um trunfo que no passado tinha aprendido a usar por desejo do mesmo.

- Comigo sempre estiveste à vontade e assim podes continuar! Pessoas como tu tornam esta vida mais rica, se é que me entendes. Ver-te aqui é ainda

como estar a expressar as boas vibrações da relação maravilhosa travada com os teus queridos pais! Como é que eles estão? E essa viagem correu bem? Encontrei isto com agilidade?

- Os meus pais mandaram-lhe gigantes cumprimentos e agradecimentos por me receber aqui. Prometem numa próxima viajarem também. Eles lidam presentemente com uns biscates com resultados, dir-se-ia, de prazos em cima do joelho, mas de resto estão de boa saúde e ânimo agradável. Perguntou-me da viagem, Sr. Manuel... correu bem, é bom vir até à capital, ver as cores que são diferentes, comparar, sacudir o pó dos sapatos. E sim, encontrei facilmente a sua mercearia, não se preocupe, que, digo-lhe já, colhe os sorrisos respeitáveis das gentes daqui em redor, o que foi um bom anúncio, com certeza. – Conte, humildemente.

A conversa inicial e a troca de galhardetes prosseguiram a ritmo brando, ao mesmo tempo que a Sra. Maria, entre risos, diálogos e outras tantas etapas do comércio tradicional, atendeu os clientes que estavam na loja. Bolachas, azeite, frutas, ovos e chouriços. Listas de compras aviadas, dinheiro em caixa, adeus e até logo.



A Sra. Maria deu-me um beijo na bochecha direita, desejando que me sentisse bem e à vontade na estadia e da minha parte recebeu uma simpatia automaticamente original. Uma simpatia que não controlei, julguei estar a falar sem querer. No minuto seguinte, a senhora fez um gesto quase teatral para o Sr. Manuel e este aproximou-se de mim, pousando a mão cheia de anéis e de feição forte como uma garra no meu ombro esquerdo e disse ao meu ouvido:

- Vem! Agora, anda daí...

Naquilo que eu julgava que tinha tudo para ser um mero anexo de serviço a armazém de produtos à/da mercearia, vi tratar-se de um salão decorado com lufadas de fumo de tabaco, pensamentos de dinheiro e extravagâncias decorativas. No centro do salão, havia uma mesa redonda, muito bonita, de uma madeira valiosa e na qual três pessoas que eu não conhecia jogavam póquer. Os jogadores olharam na nossa direcção e de imediato lograram sorrisos para mim, ao jeito de um cumprimento saudável.

Três pessoas, três jogadores: dois homens e uma mulher.

Um dos homens vestia-se como um padre, não por calo carnavalesco ou coisa que o valha, visto que era na verdade o acarinhadíssimo padre João da paróquia daquela zona. Dono de um rosto


“O Sr. Manuel arregalou os olhos num misto de alegria e alienação forçada. Falou de imediato à Sra. Maria de mim, que eu era o jovem por que esperavam.”


envelhecido e simpático, daqueles que sem sequer falarem conquistam com prontidão as crianças e as velhinhas.

Ao lado esquerdo do padre estava sentado um homem que aparentava estar na casa dos quarenta anos, vestido com uma roupa ao estilo do Havai, com uma camisa de colarinhos largos, desabotoada pelo meio do peito, e umas calças de ganga banais apoiadas num calçado colorido. Tinha uma expressão facial incomodativa, como se o olhar entrasse por todos os objectos e pessoas adentro, mas possuía uma pose corporal invulgarmente descontraída. O seu relógio de ouro e um colar preto completavam o pacote que avisava, quiçá, ter um recheio endrominado e eléctrico.

E à direita do padre João, uma loira, com aspecto de trinta anos, tocava ao de leve, por debaixo da mesa, o interior da perna direita do pároco com a parte inferior do pé esquerdo descalço que mostrava uma meia-calça muito fina sob um vestido. Não se observava uma maquilhagem extravagante, mas a forma como conjugara as suas roupas dava uma inconsciente impressão de ser uma mulher com bom gosto, assim como uma apostadora das conquistas através da imagem. O modo leve como tocava com o seu pé delicado na perna do padre funcionou como uma ilustração de uma postura decidida que era para ser exibida; um à vontade sem receios ou rodeios, q.b. para aquela hora.

O Sr. Manuel olhou para mim e deu-me umas palmadinhas no meio das costas, tal-qualmente pareceu de-sejar fazer um tipo de transmissão de pensamentos para mim naquele silêncio novo. Pestanejei com lentidão um par de vezes. No meu parecer simples, ainda assim, o que diante de mim acontecia deveria tratar-se de um jogo banal, a feijões – como se costumava dizer



. Todavia, eu vim a reparar no tampo da mesa em atraentes maços de notas, pequenas mas cativantes torres de moedas e ainda conjuntos de jóias sedutoras. Conclusão de faca na mão na minha garganta, sangue pela voz da minha cabeça. Os jogadores estavam para ali a competir à séria por aqueles valores, era deveras a valer e a doer e exclamei baixinho ter percebido a exacta dimensão daquela cena. Sem o Sr. Manuel se aperceber, eu decidi que não aturaria aquilo...

- Impecável, não achas? – Perguntou-me num sussurro feliz, o Sr. Manuel.

- Nada mau, mesmo. É quase surreal... – fingi como pude, logo de seguida.

- Muito dinheiro se ganha e outro tanto se perde naquela mesa. Normalmente, são estes os elementos e pode acrescentar-se que os vencedores mudam de dia para dia. Não há certezas nenhuma face aos finais e dessa forma ninguém se entedia. Daí este espectáculo que podes testemunhar...

- Imagino. Sente-se uma espécie de vertigem até... Sr. Manuel, não sei, mas de repente quer parecer-me que algo da viagem deve ter afectado a minha orientação. Sinto-me esquisito, a precisar de descansar, dormir... repentinamente. Que esquisito! Não me leva a mal que volte amanhã e prossigamos deste pon-

to como entender depois, leva? – Perguntei, internamente sôfrego.

- Hum, bom... Claro que não levo a mal, meu jovem! Ora essa. As deslocções podem mudar-nos o humor dos neurónios repentinamente, daí que... Vai, descansa à vontade, Joaquim, amanhã estarás como novo. E então falar-te-ei em algo que julgo irá deixar-te com água na boca.

Eu necessitava sair daquele lugar, porque não quis conceber aquela realidade na tolerância. Apertei, contudo, muito educadamente a mão ao Sr. Manuel e ao passar pela Sra. Maria na área do balcão da mercearia, despedi-me com um leve sorriso muito tímido, intranquilo...

Saí da mercearia com uma dúvida que martelava, uma bomba confusa de sentimentos. Eu realmente presenciara um local ilegal de jogo? Um negócio ilegal camuflado numa mercearia tida como querida e exemplar por todas as pessoas?

Não me senti capaz de dizer o sim claro a estas coisas, daí a minha decisão em mentir e inventar ao Sr. Manuel quanto ao meu estado. O que eu testemunhara, no meu entender, era errado, o meu instinto não quis fazer parte do cenário e fugiu da entalação.

Voltei a entrar na mercearia na ma-

nhã seguinte. As cores nasciam frondosas...

- Restabelecido, Joaquim? Esta brisa matinal lisboeta, com certeza, ainda ajudará mais a enrijar o teu ânimo. – Cumprimentou-me o Sr. Manuel.

- Bons dias! Ah, sim. Sinto-me bem agora. O torpor do descanso faz maravilhas, os sonhos ainda mais. – Articulei a minha devolução oral num tom inseguro, já que na minha cabeça corria o desejo infantil de que o que o Sr. Manuel me apresentara no dia anterior já não ia existir naquele dia.

- Bom dia, meu rapaz. Reparei ontem na tua repentina saída, mas isto das viagens é mesmo assim... num momento estamos com energia, no outro ficamos aflitos. Com o repouso, as tuas ideias hoje deverão estar mais capazes... e eu também estou aqui para o que tu precisares. Dispõe. – Disse-me a Sra. Maria, cheia de graça e compaixão.

Uma hora mais tarde, no anexo da mercearia que deixava entrar os raios altos do sol quase de meio-dia, as coisas que vi no dia anterior não desapareceram, excepto os jogadores de póquer, como desejei. Factos, realidade. Engoli em seco, imaginando uma pedra de erva solidificada num limão como bolor pela garganta abaixo.

- Joaquim... – principiou o Sr. Manuel com um olhar quente. – Vamos

para aquele sofá para poder falar-te daquilo que desejo que mordas neste negócio.

- Claro, Sr. Manuel. Vamos, terei todo o gosto em ouvi-lo... – disse, desconfiado.

O sofá era vermelho e luxuoso. Ser-lho-ia mais ainda, não fosse a existência de vários buraquinhos feitos por cigarros e demais chupetas tabaqueiras.

- Queira revelar-se, Sr. Manuel. Devo-lhe isso, por ontem ter interrompido... sabe...

- Meu rapaz, o que é que pensas acerca de carros alterados, potentes, prolongações da adrenalina ao volante?

- Bichos motores de bestas humanas e uma soma de vizinhos sem dormir.

- Ahaha! O teu humor delicia-me. Vá, diz-me, agradar-te-ia estar a par de corridas nocturnas que se organizam pelas ruas e estradas rápidas desta zona? Conjuntos de condutores nos seus bólides selvagens que competem por adrenalina, dinheiro e respeito urbano? A pseudo-intitulada facturação à volta e derivado de tudo isso aconteceria neste nosso negócio, no anexo da mercearia. A casa de lucro. Começou numa ideia do padre João e tem-se estendido a várias áreas, por assim dizer. Ele é o líder do nosso bando de tarados por dinheiro, mas não tem nem conhece ninguém com chama para ficar à frente das corridas de carros pelas ruas. Estou a tentar, portanto, que sejas tu o elemento a activar.

- É tudo fumo, barulho, néons e pinturas disparatados que confluem de mentes amargas. Deslocar-me, com o cabelo a ser pintado sob o luar, no meio de tais indivíduos com as suas obsessões de binário, cavalo-vapor e personalidade de bandidos sabichões de quatro rodas e depois vou dormir descansado na almofada à hora em que o sol nasce? No cérebro, essa gente deve ter fios de derrapagens de travagens com travão-de-mão no lugar de células. – Expressei com possante sarcasmo.

- Hum, é a tua opinião, Joaquim. Até aí, tudo bem. Guarda a tua negatividade, traz-me mas é daí a tua força, agora! Aquilo para o que eu quero incitar-te é a pensar que farás muito dinheiro com estes condutores, percebes? Não gostes deles, tudo bem, é-me igual. Simplesmente, pensa em organizar com ordem as corridas. Jogos. Conhece os condutores, sai com eles, reúne interessados, combina e idealiza percursos, puxa pelos egos motores dos participantes de bom dinheiro, porque sei que tens tudo para fazer deste lance a tua praia financeira. Sê o juiz, o coordenador e organizador. Desbrava em terra fértil...



A conversa prosseguiu entre várias frases e sensações. Eu respondi afirmativamente à surpresa do Sr. Manuel. Saltei para um ciclo novo na minha vida, assim que foram cortadas umas algemas que tinha até então. A chama. A chama.

Já da parte da tarde, a mesa estava preenchida pelo homem da camisa ao estilo do Havai e pela mulher de vestido. Faltava o padre João e eu estava sentado no sofá, a mexer no meu telemóvel sem necessidade. Vindo de uma porta que existia na lateral do anexo, soou um barulho apressado. O Sr. Manuel dirigiu-se à porta, abrindo-a num esforço alegre. Da luz da parte de fora apareceu um sujeito vestido com roupas de padrão militar, alto e possuidor de um rosto neutro. O homem entrou. O Sr. Manuel fechou de seguida a porta, apertando com deleite a mão do sujeito. Fiquei imediatamente curioso pelo facto daquele homem não ter levantado o olhar para as restantes pessoas no anexo, incluindo eu, o que me levou a imaginar que houvesse uma conduta anteriormente criada entre o Sr. Manuel e o mesmo, qual etiqueta social. O

Sr. Manuel dirigiu-se à área da mercearia e eu prostrei-me nos movimentos quase frios do homem. A Sra. Maria não demorou muito tempo a aparecer no anexo, pelo que compreendi que o Sr. Manuel ficara a atender os clientes da mercearia que, possivelmente, apareciam de volta e meia em busca de arroz, legumes, aperitivos ou pão. Sentado no sofá, eu procurava o conforto de respostas ficcionais às minhas dúvidas. O homem retirou um saco com pó de cada um dos quatro bolsos laterais das suas calças, procurou no meio dos boxers à vista qualquer coisa que vim a ver que se tratava de uma grande pedra de haxixe. Ficou depois sem pestanejar um perturbante par de segundos. A Sra. Maria abriu um dos sacos com pó e pegou um bocadinho com o dedo indicador e o polegar direitos, levando-os à língua e degustando, fixando o olhar no tecto. Semicerrou os olhos, contorceu as bochechas e os lábios e, olhando de esguelha para mim, exclamou para o homem:

- Aqui está uma óptima cocaína! Fabulosa. Já nem posso fazer ou dizer mais nada, tenho que ir à casa-de-banho inalar uma boa dose desta safada!



“Eu realmente presenciara um local ilegal de jogo? Um negócio ilegal camuflado numa mercearia tida como querida e exemplar por todas as pessoas?”

Ai, uau, que delírio! Produto aprovado, por isso vamos fazer um grande dinheiro com os nossos clientes. Não deixes de controlar as pessoas para que, mal isto acabe daqui a dois dias, possas voltar a mim. O teu pagamento está no local do costume, podes já dirigir-te lá. A cocaína e o haxixe irão fazer agora o seu caminho. Adeus, põe-te a milhas.

- Entendido. Disponha, o fornecimento não morrerá. Boas sensações.

- Boas sensações.

A Sra. Maria fechou a porta com calma, assim que o homem desapareceu na luz. No bolso do avental que tinha vestido, colocou os sacos da cocaína e a pedra de haxixe. Engoliu em seco, bateu os dentes, olhou em frente como que desvairada e saiu apressada

do anexo.

- Vou meter para dentro a safada, depois a venda aos safados. – Balbuciou...

Já quase no final da tarde, o padre João chegou ao anexo, cumprimentando os jogadores na mesa:

- Então, Carlos, tudo bem? – Virando-se para o homem.

- Sim, padre João, tudo em cima. E o padre, como é que se sente? – Perguntou Carlos com agitação.

- Sinto-me bem, sinto-me bem. Estive a receber uma família lá na paróquia, para ouvir os queixumes deles e procurar ajudar a melhorar a vida. Um pai, uma mãe e dois rapazes novinhos, ainda no ensino básico. Os adultos mostravam mesmo aquelas caras de desgrça, mas os rapazes eram alegria pura. Soube tão bem ter aqueles rabinhos fofos no meu colo, colados nas texturas grossas do fecho das minhas calças... traquinas, a saltar... passei-lhes os carinhos para a fé...

- Sente-se connosco. Já podemos ir ao nosso joguinho. Até já me babo... – disse o Carlos.

- Sim, sim, vamos lá. É tempo e hora! Eva, como é que estás hoje? Foste às compras de roupa?

- Sim, padre João, fui! Não existe falta de um dia. Hoje comprei pares de sapatos, *lingeries*, calças e saias, cintos e também um discreto lenço de pescoço... muito na moda! – Respondeu, com excitação, a Eva.

- Apostas na mesa, vou preparar as cartas para começar a acção... – gritou

o Carlos.

- Parem! – Gritou o Sr. Manuel, entrando recentemente no anexo. – Primeiro, tenho que vos apresentar em condições o Joaquim, que tem estado a meu convite aqui e tem admitido os vossos movimentos com astúcia e admiração. E dar-vos as novidades!

Conversámos por bons minutos, nos quais o padre João, o Carlos e a Eva souberam que aceitei tratar das corridas e apostas em competições de carros à noite. Conheceram o novo elemento do bando e o líder avançou para o agradecimento inicial.

- Bem-vindo sejas, meu filho! Saúdo-te por estares connosco. Antecipo uma jornada de bonança para ti, para nós, no mundo nocturno dos amantes de velocidade. Estou muito honrado... vai ser canja para os nossos lados, ahaha!

- Seu filho?! Joaquim prefiro...

- Nunca confessei a tua mãe, deveras, daí não ter existido condições para que o título que empreguei fosse real e justo. Uma coisa leva a outra... Perdão, Joaquim. – Declarou o padre João.

- Sinto-me capaz de fazer o que é para ser feito. Aceitei o convite. Aceitei a surpresa. Aceitei as capacidades. – Asseverei com a voz pesada.

- Vamos jogar, foda-se? – Resmungou o Carlos.

- Calma! Perdeste uma companhia por a trocares pelos videojogos em casa, não faças também força para perder dinheiro de mais um tentáculo do nosso negócio pelo póquer que não





foge daqui. – Replicou o padre João, de imediato.

- Os jogos deixam-me alucinado, são tomadas para as minhas baterias corporais. Tenho que enfiar-me neles. Vamos... senão ainda me mordo!

- Vai um gole desta minha garrafinha de água ardente, Carlos? Refresca a demência. Dá poder, dá sangue... – esquadrinhou o Sr. Manuel, risonho.

- Quero jogar. A Eva também veio para isto. O cenário pode agora avançar. – Replicou o Carlos.

- Basta, insolente! – Gritou o padre João. – Uma coisa de cada vez, realmente tudo ao mesmo momento e intento não. Tudo será simples...

- Hum... ok, pois... – gemeu o Carlos.

- E o que é que tem isso tudo? Simplicidade sempre foi. Nós sorrimos, nós bebemos e nós fodemos! Devemos... pois é isto a vida. Simples, uma linha. – Afirmou o Sr. Manuel.

O jogo de póquer iniciou-se a seguir. Eu e o Sr. Manuel ficámos de pé, procurando assistir sem incomodar os três jogadores. Por raras vezes, aparecia no anexo a Sra. Maria para inalar uma ou duas linhas de cocaína. Ruborizada, transpirava, louca, voltava depois para atender os clientes que iam entrando na

mercearia e activando o sensor de presença.

- Joaquim, vem cá rápido! – Ordenou-me a Eva. – Parem um bocado o jogo. Coloca-te, Joaquim, por debaixo da mesa. Quero que me faças uma cuni-língua. E bem feita! Amanha-te, empenha-te que tenho este jogo para tentar vencer...

Assoei o nariz. Guardei o lenço no bolso esquerdo e emiti uns sons quaisquer equivalentes ao sim e obviamente. Debaixo da mesa, ajoelhei-me e pousei o queixo na borda do assento da cadeira. Eva já tinha levantado convenientemente o vestido, apresentando a sua meia-calça rasgada na zona da vagina, perfeitamente rasgada. Ideal. Era só lamber...

- Espera, Joaquim! – Disse-me a Eva.

- Tens sorte quanto ao jogo?

- Nunca ganhei nada de importante, com relevância. – Respondi.

- E quanto ao amor?

- Amor?! Quanto ao amor, Eva, é o que se vê...

Senti o cheiro intenso da vagina em crescente entusiasmo. Lambi por toda a zona genital, circulando, ondulando, friccionando, provocando, lambendo com consistência.

- É, é... antes o que se sente... hum, hummm! – Disse Eva, por entre

gemidos.

A Eva ganhou esse jogo, batendo os adversários com uma mão de cartas altas em sequência e do mesmo naipe, arrecadando as apostas totais de mil euros, colares e anéis em ouro e um bilhete duplo para o futebol.

Numa noite em que eu já reunia condutores, dinheiro, sucesso nas ruas e velocidades vaidosas, a Sra. Maria fazia as suas vendas de droga aos clientes habituais, confirmando que a riqueza ia aumentando de que maneira. Dedo de conversa puxava dedo de conversa e o nariz ia inalando mais um pouco...

A carga bravia da noite. O barulho das derrapagens, das acelerações e dos atropelamentos sem querer. O barulho. O som dos Euros a percorrer as nossas veias.

Junto ao Sr. Manuel e ao padre João, sentados numa mesa antiga ao relento da madrugada, a mesa do juiz – a minha mesa – das corridas dos que aceleravam, eu disse:

- Ao ritmo actual, em breve todos os tipos de viciados estarão abraçados nestes nossos tentáculos da mercearia...

- Deus queira, Deus queira... – cantou o padre João por toda a noite, em harmonia. •





O TABACO

Sofia P.



Para mim, fumar é um ritual. Antes de começar a escrever, acendi um cigarro. Inadvertidamente, criei uma dependência não somente física, mas psicológica. Criei também uma nova necessidade. E uma nova forma de recompensa.

Nem sequer é propriamente relevante constatar a evidência de que a nicotina cria uma dependência fisiológica. Se a nicotina cria vício, e se o alimentar desse vício cria uma recompensa na forma de bem-estar, criam-se também processos mentais de associação com os gestos durante os quais fumamos um cigarro.

Tudo o que é bom, fica ainda melhor. Tudo o que é mau, fica ligeiramente menos mau. O acto de fumar surge, então, automaticamente como forma de maximizar ou minimizar emoções. Fumar é apenas mais uma coisa que altera a nossa química cerebral. E a mim, parece-me que palavras como neurotransmissores e reacções emocionais deviam ser utilizadas mais vezes na mesma frase, antes de tentarmos perceber porque estamos tristes ou contentes através de perspectivas pseudo-filosóficas.

"Fumar inspira-me"

A nicotina pode ter o mesmo efeito estimulante do café. Dá-nos um *energy boost*, neste caso, mental. Esse pode ser um dos motivos pelos quais o tabaco me inspira, mas acredito que a causa não pode ser tão redutora. A execução do ritual inspira-me na medida em que esse ritual tem um significado muito incisivo. A recompensa que já sei que vou ter. Por isso, quando deixei de fumar durante uns tempos, não conseguia escrever nada de jeito. Ficava minutos seguidos a olhar para o ecrã do computador antes de desistir, frustrada. Na verdade, fumar nunca me inspirou. A inspiração é que se foi quando deitei o tabaco fora; porque criei uma contingência que não existia; ou um requisito para poder funcionar, de que nunca

antes necessitei. Mais uma vez, associei uma sensação agradável a um acto quotidiano, de tal forma que um passa a ser intrínseco do outro.

"O cigarro é uma companhia"

Isto pode parecer muito triste e patético, mas tem um fundo de verdade. Há quem diga que não gosta de comer sozinho, mas nunca ouvi ninguém dizer que não gosta de fumar sozinho. Isto porque, por muito aliado que esteja à componente social, fumar é um acto solitário. Pelo menos, fumar tabaco.

"Fumar relaxa-me"

Alegadamente, e no que respeita ao aspecto fisiológico, a nicotina também pode ter esse efeito.

A nível psicológico, o tabaco está associado a pausas. Seja do que for. É um escape de algo que não achamos propriamente agradável. Então: "Preciso de ir ali fumar um cigarro, já venho". Muitas vezes, e nestes momentos, até prefiro fumar sozinha. Qualquer conversa de circunstância que surja com a presença de algum "intruso" distrai-me e aborrece-me. É um acto puramente egoísta em que estou virada para dentro. Eu, o meu cigarro e o meu cérebro docemente intoxicado.

"O cigarro é a minha bengalinha"

Associado ao sentimento de relaxamento, mas não sendo propriamente a mesma coisa. Na verdade, o cigarro não é bengalinha nenhuma. E se é, é uma bengalinha muito curta. Fumar três cigarros de seguida antes daquela reunião importante, para mim, teve o mesmo efeito que beber três chávenas de café. Realmente, eu fumei para relaxar, mas parece-me que em vez disso apenas maximizou o meu estado de alerta. Isto faz-me concluir que, em situações stressantes, nas quais procuramos realmente uma bengala, o tabaco nos dá uma segurança ilusória. O processo mental é básico. Se fumar me faz sentir bem; e se quando me senti bem fumei; a opção "inteligente" é mesmo fumar para resolver as coisas. É uma ilusão, claro. Mas ainda assim, a efémera sensação parece sempre valer a pena.

"Estamos no mesmo clã"

Eu até nem costumo falar com desconhecidos. Mas quando fui obrigada a sair do recinto quentinho para ir fumar para o frio, senti-me extremamente empática com a outra pobre presença periclitante que encontrei no mesmo sítio, a fumar o seu cigarro. Troquei imediatamente uma série de comentários de auto-comiseração com o meu compincha fumador, que aplaudiu entusiasticamente.

"Na verdade, fumar nunca me inspirou. A inspiração é que se foi quando deitei o tabaco fora; porque criei uma contingência que não existia; ou um requisito para poder funcionar, de que nunca antes necessitei."

mente e também disse de sua justiça. E depois, ficámos "amigos para sempre" durante cinco minutos, antes de irmos às nossas vidas, todos contentes...

Enfim, estávamos no mesmo clã. Pois aqui, e apesar de na sua essência eu achar que fumar é um acto solitário, o cigarro serviu como catalisador e impulsor de relações inter-pessoais. Não foi um pretexto, mas uma causa clara.

A influência sociológica do tabaco é um tema demasiado extenso para abordar em pleno. Porque começamos a fumar? Porque fumamos mais em ambientes sociais e menos em casa (alguns de nós)? E por aí fora. O que me parece inegável é que, por muito que variem as circunstâncias, nunca consigo evitar criar uma maior empatia imediata com alguém que acabo de conhecer e que fuma, do que com alguém que acabo de conhecer e não o faz.

O facto de hoje em dia - com toda a propaganda anti-tabagismo - o fumador ser quase um proscrito, faz-nos a todos criar uma aura de incompreendidos. Há quem pense assim, e há quem se esteja a borrfar, também é certo. De qualquer forma, há alguma coisa em comum. E fumar, não é só inspirar fumo tóxico. Fumar é uma coisa muito complexa. É certo que fumar aumenta em todos nós as probabilidades de morrermos de uma morte horrível; mas é também mais uma forma de prazer. O conhecimento desse prazer singular e o conhecimento dos riscos, ou do outro peso na balança, pairando sobre nós como uma espada de Dâmocles, cria entre a generalidade dos fumadores uma sensação de pertença num grupo muito específico. •



Abel Ferrara's THE ADDICTION

Devis DeV deviLs g

The Addiction, de Abel Ferrara, é o equivalente para o Heart of Darkness, de Joseph Conrad, e foi escrito em molde de filme, uma película cinematográfica que retrata uma jornada desesperada em direcção ao mal.

Esta é a história horrível de uma mulher jovem prestes a graduar-se no doutoramento de filosofia de nome Kathleen, uma mulher jovem de alma atormentada forçada a sofrer um destino irreparável seguidamente ao ter sido vítima do ataque de uma sugadora de sangue. A subsequente mutação dolorosa envolve conjuntamente o corpo e a mente da vítima e na companhia do contágio vampírico ela começa a questionar-se a si própria acerca do destino

condenado que partilha com toda a raça humana. Na verdade a desgraça vampírica é o pretexto usado por Ferrara para pensamentos e reflexões sobre a natureza do mal, considerada como um tipo de droga que cria vício. Este não é um simples filme de terror, visto que o vampirismo e a toxicodependência são claramente metáforas para falar acerca da violência e dessas coisas negras que fluem nas nossas veias dentro do nosso sangue assaz humano. Em *The Addiction*

a sede de sangue por parte da raça humana é claramente manifestada através de sequências de imagens que pintam atrocidades perpetradas nos campos nazis, operações de guerra no Vietname contra a população civil e massacres bósnios infames. Crimes, defeitos e doenças são todos feitos da mesma substância, manifestações do mesmo princípio. A própria história é condenada, o mal é tão cósmico que até mesmo a história não existe. Como Kathleen diz: "O velho ditado de Santayana, que diz que aqueles que não aprendem a partir da história estão condenados a repeti-la, é uma mentira. Não existe história. Tudo o que somos está eternamente connosco". De acordo com este ponto de vista ninguém escapa do destino feito de sofrimento e desespero, da natureza humana ser corrupta e da vontade própria conduzir a escolher o que é justamente o mal. Kathleen diz: "Eu peço portanto Eu sou". Indubitavelmente este pensamento de Ferrara é



mais religioso do que estritamente filosófico. Estranhamente quanto basta este sentido de religiosidade acaba ainda reforçado pelo apelido do argumentista do filme, *Nicholas St. John*, que mistura em si mesmo uma parte de “água sagrada” (*Saint John*) e uma parte de “fogo infernal” (*Nicholas*, igualmente conhecido como “Old Nick” a.k.a. “the Devil”).

Esta religiosidade condenada está profundamente enraizada no existencialismo niilista. Citações retiradas de livros de Sartre, Heidegger, Husserl, Kierkegaard, Nietzsche e de outros filósofos são citadas e citadas e citadas novamente até as mesmas entrarem em curto-circuito. Estes pensamentos filosóficos soam vazios tal-qualmente a inexistência aos viciados em sangue, “não-pessoas”. Aqueles viciados em sangue vivem a sua “não-vida” assim como os drogados a sua toxicod dependência. Como uma drogada Kathleen diz: “A dependência é uma coisa maravilhosa. Faz mais pela alma do que qualquer elaboração de material de doutoramento”. Trata-se do vício aniquilar todo o tipo de pensamento. O viciado é um escravo do vício, por isso só existe o vício e nada mais, sem pensamento e sem sentimento de culpa as ações realizadas sob a compulsão do vício. Porém quando o viciado raciocinar como Kathleen dirá: “O nosso vício é o mal. A propensão para este mal repousa na nossa fraqueza antes dele. [...] Há uma natureza dupla para o vício. Satisfaz a fome, mas também estupidifica a nossa percepção, portanto nós somos ajudados a esquecer o quão doente realmente somos. [...] A existência é a procura pelo alívio através do nosso hábito, e o nosso hábito é o único alívio que nós podemos encontrar”.

Nas suas deambulações noturnas Kathleen conhece Peina, um vampiro de muitos mais anos de experiência

interpretado por Christopher Walken.

O velho vampiro tenta ensinar a Kathleen como viver como vampira e como dominar o seu vício. “O objetivo é fundir-se em”, diz ele e depois aprisiona-a. Ela sofrendo dos estorvos da sua dependência tenta cortar as suas veias, todavia “tu não podes matar o que já está morto” diz Peina. Ela implora-lhe que a ajude, e ele diz-lhe para que leia os livros: “Sartre, Beckett. De quem é que tu pensas que eles estão a falar? Tu pensas que são trabalhos de ficção?” Livros como *Naked Lunch*, de W. S. Burroughs, alguém que conhecia muito bem a verdadeira natureza da abstinência, como disse o velho vampiro. A abstinência é o único caminho para dominar o vício, escravizando a sede por sangue. Porém Kathleen falhou ao passar o ensaio, escapou de Peina e caiu ainda mais profundamente no vício. Depois tudo o resto vem por consequência. Kathleen completou o seu doutoramento em filosofia e convidou os seus professores para uma festa no seu apartamento. Aí ela iniciou um banquete sangüinário no qual metade do pessoal do departamento da sua universidade foi chacinado. Isto aconteceu durante uma longa cena não tão kitsch – termo para designar valores estéticos baratos e distorcidos - e espalhada como alguém possa pensar, por causa da fotografia a preto e branco que parece fazer referência ao cinema expressionista. É por isso que o que goteja da boca da Lili Taylor é na verdade uma escuridão profundamente negra ao invés de um vermelho brilhante de sangue falso. De volta à história, como resultado da bulimia no seu sangue Kathleen teve um envenenamento. Uma vez no hospital, ela tentou primeiro suicidar-se expondo-se aos raios de sol. Mas Casanova, o vampiro feminino que a mordeu, deteve a

tentativa dela dizendo: “nós não somos pecadores porque pecamos, mas nós pecamos porque somos pecadores. Em termos mais acessíveis, nós não somos o mal por causa do mal que fazemos, mas nós fazemos o mal porque somos o mal. Sim. Agora que mais escolhas tais pessoas têm a fazer? Não parece que nós tenhamos quaisquer opções”. No final, ela torna-se uma completa pecadora viciada do mal. Ela solicita um padre católico. Aparentemente ela suga um hospedeiro sagrado e morre. Contudo na última cena de sonho, Kathleen coloca uma rosa na sua própria sepultura, em plena luz do dia e afasta-se dizendo “No final, nós ficamos diante da luz e a nossa verdadeira natureza é revelada. Auto-revelação é aniquilação do Eu” entretanto um feio e grande crucifixo preenche a tela. Aqui exposto foi o selo do mal cósmico, aqui o selo da etapa final do vício! Por outro lado foi um filósofo muito conhecido, *Karl Heinrich Marx*, que observou agudamente que a religião é uma droga, “é o ópio do povo”! •

“- Kathleen diz: “Eu peço portanto Eu sou”. Indubitavelmente este pensamento de Ferrara é mais religioso do que estritamente filosófico.”



CHARLES SANGNOIR
CHANSON NOIRE

Lurker



Há muitos artistas em Portugal, mas não tantos relevantes. Charles Sangnoir é certamente um deles - boémio, poeta, músico, astrólogo, há aqui de tudo um pouco, e fomos à procura de tudo isso e muito mais numa interessante conversa"

Quem é Charles Sangnoir?

Charles Sangnoir é um artista oriundo do Seixal, bela cidadezinha à beira mar plantada. É uma criatura peculiar que oscila entre o cosmopolita pedante e o camponês rústico.

Fala-nos um pouco de ti: quais são as tuas raízes?

Sou filho de um chefe de cozinha extraordinário e uma secretária lindíssima com feitiço tempestuoso. Vivi sempre perto do cemitério e passei a infância a contar anedotas ordinárias a troco de dinheiro, assim como a pegar fogo a maior parte dos meus brinquedos.

Lembras-te de como te começaste a interessar pela música?

Sim, perfeitamente. Na infância já gostava de música, e com 8 anos deram-me o meu primeiro teclado. Já na altura inventava músicas minhas e brincava no muro do quintal a fingir dar concertos!

Qual foi o primeiro disco que te deslumbrou?

A sério, mesmo a sério, foi durante a adolescência. O *number of the beast* de Iron Maiden. A partir daí foi sempre a descer.

E a primeira música que compuses-te, lembra-te desse processo criativo?

Lembro. A primeira música que levei efectivamente a sério, compus aos 12 anos, quando estava a aprender a tocar viola. Achava que era uma coisa extraordinária, mas era um temazinho muito



naif – o que é normal quando és um adolescentezinho ranhoso.

E esse tema ainda hoje te acompanha, ou já o arrumaste na prateleira há muito tempo?

Arrumadíssimo. Foi um esboço patético e ficará para sempre na minha masmorra de *itens* irrelevantes.

Por que projectos passaste na tua evolução enquanto músico?

Ena ena – Passei por tanto lado: Durante a adolescência, essencialmente bandas de *heavy metal*. A partir daí foi um mundo de coisas, desde projectos de techno a música popular portuguesa.

E como se deu a criação de La Chanson Noire?

Chanson surgiu como uma necessidade de ter um projecto totalmente autónomo em termos de composição e direcção. Na altura estava com os Dead Poets, e para não ser um tipo totalmente totalitário, decidi criar um projecto em que eu mandasse em tudo e mais alguma coisa. Com o passar do tempo os Poets foram-se diluindo até à cova e chanson ganhou uma preponderância totalmente inesperada mas muito bem-vinda – Excusado será dizer que passou a ser a minha ocupação principal.

"Não sou de todo uma pessoa de intrigas, mas tenho uma maneira extremamente irónica de ver as coisas."





“Quis que as pessoas percebessem o que é o bordel: é cemitérios, é beber absinto num bmw com um tatuador louco ao volante. É desunhares a alma a tocar, a viver, a ser...”

Quais são as tuas principais influências a nível de composição?

Tudo o que me passa pelos ouvidos acaba por ir parar ao piano, seja uma sonata de Rachmaninov ou o último single de buraka som sistema. Consciente ou inconscientemente vai tudo parar à varinha mágica. Depois esforço-me realmente é por sair numa travessa em forma de *cabaret versus metal versus punk versus gó versus folclore tradicional português*. No fundo toda a música, minha e de toda a gente, é um enorme plágio – a diferença é que eu o admito!

E a nível de sonoridade, como descreverias os Chanson Noire?

Exactamente como descrevi a travessa na questão anterior.

Tão importante como a sonoridade

parece-me que é também a componente lírica. De onde retiras a tua inspiração?

Sempre me interessei imenso pelos escritores com um travo decadentista – Pierre Louys, Apollinaire, Sade, Baudelaire, Topor, Poe, Goethe, Pacheco, Pessoa. Vem um bocado daí. Daí e das toneladas de filmes que serie B que adoro!

É propositado o enfoque satírico nas tuas letras, ou acaba por ser um reflexo da forma como vens o mundo que te rodeia?

É propositado, na medida que é assim que eu penso. Não sou de todo uma pessoa de intrigas, mas tenho uma maneira extremamente irónica de ver as coisas.

A nível editorial, tens optado por diversos formatos, desde cassette, CD(r) ou vinil, mas também muitos lançamentos digitais. Porquê uma variedade tão grande? Diferentes discos pedem diferentes formatos, ou é uma questão de oportunidade?

No fundo é uma questão de oportunidade, acho importante que a música esteja disponível para apreciação na maior variedade de formatos possíveis e o que vem à mão acontece. Mas também de gosto, acho muito interessante fazer um lançamento em formatos menos massificados, como a k7 ou o vinil.

E aproveitando a deixa, que opinião tens como músico de todo o fenómeno de download de música? Ajuda ou prejudica quem cria?

O *download* não é mais do que a cassette tdk do século XXI. Nos anos 80 toda a gente gravava cassetes, nos anos 90 toda a gente ripava cds. É a evolução lógica. E acho muito bem, para ver se as editoras deixam de ser alarves – e principalmente para ver se os músicos deixam de ser preguiçosos! Se tiveres uma edição boa, bonita, com valor, as pessoas vão querer comprar. E se te deres, enquanto artista, as pessoas vão querer ir ao teu espectáculo. É só fazer por isso.

Voltando a La Chanson Noire, falamos um pouco deste novo disco que acabas de editar, o Bordel de Lucífer.

Ah, o Bordel. Estou tão orgulhoso! Queria fazer um lançamento em vinil desde que me lembro, e quando surgiu o convite do meu caro Luis Lamelas para fazer uma sessão de piano e vox para lançar em vinil não pensei duas vezes. Sinto-me muito contente com a edição e muito grato pelo apoio que me tem sido concedido.





Recuperaste um tema que usaste no *Gay Music For Straight People* – este tema tem algum apelativo especial para ti?

Sim, o Bordel tem qualquer coisa de estranhamente mágico – é como se o cornudo tivesse lá estado presente para me pôr a escrever por ele. Há uma reacção estranhamente forte das pessoas ao tema e teria sido tolo se não tivesse aproveitado para fazer uma versão mais refinada do mesmo.

E porquê a escolha de um tema dos Bauhaus para uma versão?

Calhou. Sempre gostei imenso de Bauhaus, e uma vez que tinha surgido o convite para participar na compilação *metropolis 79/89* com uma *cover* dos anos 80, pareceu-me um óptimo 2 em 1: fazia a versão para a compilação e dava uma nova vida ao tema para soar novamente em vinil, desde os seus tempos de glória nos anos 80.

Como decorre normalmente o teu processo de composição? É algo que fazes naturalmente, ou precisas de determinado estado de espírito para criar?

É muito como calha, mas tenho tendência a compor de uma forma muito mais inspirada quando me sento no meu piano – é um *Klingmann* fabricado em Berlim nos anos vinte, foi-me oferecido por uma amiga e apesar de ser um escombros desafinado e por restaurar, às vezes parece que fala comigo!

Quais são as tuas expectativas com este disco? Pretendes atingir uma audiência mais vasta, ou apenas lançar música que te agrada?

Pessoalmente já estou muito feliz com a gravação e o lançamento, por isso tudo o resto é bónus. Claro que pretendo dominar a população mundial mais cedo ou mais tarde, mas para já sou um artista feliz e é o que me interessa.

Entretanto tens também um vídeo disponível para o *Bordel de Lucifer* – queres contar-nos como surgiu a ideia de o fazer?

Eu adoro vídeos, são um complemento natural à música. Senti que o bordel necessitava de mais qualquer coisa e pareceu-me indicado criar o vídeo. Daí a montar as peças necessárias foi um instante.

Pessoalmente falando, acho que é um vídeo que mostra bem as diferentes facetas dos Chanson Noire – música, imagética, *noir*, talvez um pouco *kitsch*. Concordas, ou tens uma opinião diferente?

Concordo plenamente. Quis que as pessoas percebessem o que é o bordel:

é cemitérios, é beber absinto num bmw com um tatuador louco ao volante. É desunhares a alma a tocar, a viver, a ser – quer estejas numa festa com putas de luxo ou num campo de concentração. É seres livre para o que te der na gana, evitando ir à falência ou mandar alguém para o hospital.

O vídeo mostra-nos também a faceta de performance de La Chanson Noire, sempre com o piano. É o teu companheiro inseparável?

Não necessariamente. Dêem-me qualquer coisa que faça som que eu fico satisfeito.

Tiveste várias actuações ao vivo em 2009, e uma agenda já com várias datas em 2010. O formato ao vivo é onde te sentes melhor?

Também adoro a parte de criar, a parte de gravar, *the whole nine yards*. Mas tocar ao vivo é sempre muito satisfatório, é quando podes trocar experiências e dar verdadeira vida à tua criação.

Como correu a actuação na Festa do Avante? Talvez um ambiente onde não fosse natural ver-te, não? Como surgiu essa oportunidade?

Ah, de forma alguma. Adoro o ambiente do Avante e vou à festa desde que me lembro. Para além do mais, o meu pai é comunista até à medula e fui educado num espírito extremamente comu-

nista – na sua vertente saudável – por isso para mim foi um prazer enorme estar ali. Para além do mais, o sítio estava apinhado e já estava toda a gente muito fora – foi uma experiência memorável.

O que podemos esperar de uma actuação ao vivo dos Chanson Noire?

Tudo e mais alguma coisa, espero que essa questão se mantenha por longos anos!

Qual foi a tua melhor experiência ao vivo? E a pior?

Todos os espectáculos têm pontos positivos e negativos. É sempre fantástico quando as pessoas se manifestam: Cantam, dançam, dizem merda e saem felizes e aliviadas, é essa a parte melhor, sempre. Ruim é quando os donos dos espaços acham que os artistas têm que pagar para tocar ou ir para cima de palco contar anedotas. A falta de respeito para com os artistas para mim é o pior.

E com quem gostarias de partilhar um palco, se pudesses escolher qualquer artista / banda, vivo ou morto?

Hmmm... Não sei. Adoro partilhar o palco com toda a gente, por isso quantos mais melhor. Os mortos a mim nada me dizem. Quero partilhar o palco com as lendas de amanhã!





Por falar em partilhar palco, tens feito também algum trabalho com outros artistas e projectos. O que nos podes dizer sobre isso?

Sempre que possível, gosto de partilhar experiências com gente diferente. Acho muito saudável e é sempre um processo de aprendizagem delicioso. Existem vários projectos na forja, mas posso adiantar que tenho gravado imenso com o Beyonder (Vocalista de Namek e Martelo Negro) que é um senhor em termos de criatividade - aprendo imenso - e a organizar uma tertúlia de poesia em formato multimédia com artistas fabulosos. Tenho produzido algumas bandas no meu estúdio e estou ainda a preparar um disco numa onda mais *cabaret* com outras pessoas, mas a seu tempo se saberá...

Gostei particularmente da participação com Aires Ferreira. É alguma coisa a repetir no futuro, ou foi algo de uma ocasião apenas?

La Chanson Noire "O Bordel De Lúcifer"

O que os La Chanson Noire vêm vindo a fazer desde a sua criação pode ser basicamente descrito numa expressão: deboche. Um percurso directo a tudo o que é boémio, decadente e *noir*, uma ligação estreita à noite que habita em cada um de nós e uma piscadela de olho ao profano que nos preenche a alma.

Com um curriculum preenchido de vários lançamentos e marcantes acções ao vivo, o que Charles Sangnoir ainda não tinha feito com este seu projecto era um lançamento em vinil. Lacuna agora colmatada com este lançamento tripartido entre a HellOutro Enterprises, a Chaosphere e a Raging Planet - e que temos todo o orgulho de apresentar.

"O Bordel de Lúcifer" ocupa o lado A deste 7" com uma melodia vibrante,

Será coisa a repetir, concerteza. O Aires é dos melhores poetas nacionais desta geração e é uma honra colaborar com ele.

O que te leva a criar em conjunto? As pessoas ou os projectos?

Ambos. Há pessoas como o Aires e o Beyonder que me entusiasmam só de falar em ideias novas. É muito estimulante trabalhar com pessoas assim. E claro, sempre que alguém me convida para um projecto estimulante acabo por lá ir meter os dedos. Por mim, no fundo, gravava tudo com toda a gente!

E achas que a tua música ganha outra dimensão com estas participações, ou preferes o formato a solo?

Ganha outra dimensão, na medida em que posso fazer coisas que habitualmente não têm escape em chanson. Por exemplo, tenho uma colecção significativa de instrumentos de percussão que raramente utilizo em chanson. Sintetiza-

te, uma composição ao piano com a voz de Charles em destaque, cantando uma das melhores letras que tivemos oportunidade de ouvir na nossa língua. Burlesca em momentos, mas sempre equilibrada no piano que a suporta, esta música representa bem o que os La Chanson Noire são em termos musicais e líricos, e é sem dúvida alguma um dos pontos altos em termos de música que têm vindo a criar desde a sua fundação.

No outro lado temos "Azabel", uma música mais singela, introspectiva e melancólica, cantada desta feita em Inglês e com um sentimento mais negro - uma boa introdução para "Hollow Hills", versão do original dos Bauhaus e que conhece aqui uma nova roupagem que lhe assenta como uma luva. Um sentido tributo, e uma composição que vale a pena por si só - mais do que apenas uma regravação, é uma autêntica recriação desta música emblemática, que envelheceu muito bem com a idade.

Dois lados distintos, duas sonoridades também elas distintas, mas sempre o mesmo fio condutor - piano e voz superiormente interpretados por um dos melhores artistas da nossa praça, e um disco que merece ser descoberto. Um aperitivo bem gostoso para um longa-duração previsto para o final deste ano, e o (re)afirmar de um nome que vai certamente ficar marcado nos anais da música Portuguesa.

dores, batidas tecno, guitarras drone: tenho 10 editoras dentro da minha cabeça e isto tem que sair para algum lado...

Tens alguma coisa agendada para o futuro que possas partilhar?

Dia 13 de Março, marquem esta data: vou tocar de improviso, enquanto o Aires Ferreira, o Beyonder, o David Soares, o Gilberto Lascariz e a Melusine de Mattos declamam poesia envoltos em velas de igreja e projecções de cinema mudo. Isto vai acontecer no Seixal, nos antigos refeitórios da mundet. Quem não estiver presente vai arrepende-se para todo o sempre.

Chanson Noire é também um projecto de sentimentos. Se tivesses que o resumir numa palavra, qual seria?

Esquizofrenia.

Consideras que há uma aura de deboche e decadência associada ao projecto?

Considero, sim. E espero que essa aura se torne cada vez mais forte e viciante!

Atrai-te também uma imagética mais *noir*, talvez mais clássica? Porquê esse sentido estético?

É uma questão de gosto. Sempre me senti atraído para esse lado mais soturno das coisas, não me faria sentido perto dos 30 rajás adoptar qualquer outra estética.

Consideras-te uma pessoa compulsiva ou indolente?

Um pouco de ambos, no fundo. Sou efectivamente compulsivo, na medida em que sou movido por desejos e interesses específicos que não me deixam descansar, principalmente relacionados com a arte. E sou efectivamente indolente, na medida em que nutro um esforço consciente por me auto-agradar.

Qual consideras ser a tua principal dependência?

A arte. Feliz ou infelizmente é-me impossível viver se não estiver em contacto permanente com a arte, seja em que vertente for. Pode parecer prosaico, mas garanto que por vezes é muito pouco prática esta necessidade constante de excitar os sentidos e o intelecto.

Achas que as pessoas vivem hoje mais sujeitas às grilhetas que lhes são impostas, ou são mais livres enquanto indivíduos?

Socialmente, poder-se-ia dizer que são mais livres. No entanto, a era moderna trouxe novas formas de aprisionamento, novas grilhetas relacionadas





com o *status quo* em com o sentimento de posse. Penso que somos mais livres da boca para fora, mas extremamente agrilhoados da testa para dentro. De uma forma geral, sim, somos socialmente mais livres. No entanto, a verdadeira revolução pela liberdade interior ainda está para começar, não surgiu com a revolução industrial, nem tão pouco com o 25 de Abril. Surgirá com o tombo final das religiões instituídas.

Consideras-te um individualista?

Sim, absolutamente. Isso não implica, no entanto, que não cuide dos que me rodeiam, que não vele pelo seu bem-estar. No entanto, parece-me inconcebível que qualquer ser humano possa gerar harmonia à sua volta sem primeiro cuidar do seu próprio equilíbrio e bem-estar.

Nas tuas letras recorres muitas vezes a temáticas que podem ser associadas ao Satanismo. Identificas-te com essa vertente?

Sim, considero o satanismo uma filosofia extremamente válida e interessante. Identifico-me com inúmeros pontos, e sinto um enorme respeito pela simplicidade e franqueza do credo instituído por Anton LaVey. Penso sinceramente que qualquer alma inteligente deveria passar os olhos pela *Bíblia Satânica*.

Lembras-te do teu primeiro contacto com a Bíblia Satânica? O que achas que mudou em ti ao leres esse livro?

Lembro, não foi há tanto tempo quanto isso que a li de ponta a ponta. Confesso que não exerceu em mim uma mudança notória, na medida em que já tinha contactado com o essencial do seu conteúdo através dos escritos de escritores como Sade e Apollinaire, ou ocultistas como Crowley e Waite. Apenas me fascinou o facto de alguém ter concatenado de uma forma tão simples e directa aquilo em que eu já acreditava.

Quais são os principais princípios pelos quais tentas reger a tua vida?

Ser feliz, ser justo e ser cavalheiro. Incendiar consciências e aproveitar cada dia como se fosse o último.

Como olhas hoje para o mundo em que vives?

De olhos semicerrados, para não me atirarem com muita poeira. E com curiosidade para saber se vamos conseguir sair deste labirinto de auto-destruição em que nos encontramos ou se a mãe natureza vai acabar por se fartar e sacudir-nos de suas costas como piohos.



Quais achas que são os principais problemas na nossa sociedade?

Existe um essencial. A ignorância. Os humanos são uma espécie que se move pelo medo e pela ignorância, que não é mais que o medo de perder a ignorância. Destruímos porque somos estúpidos, discriminamos porque somos estúpidos – e se temos meio mundo a passar fome e frio é porque somos isso mesmo – estúpidos. De que outra forma conseguimos explicar um domínio religioso de 2000 anos através do medo?

Sentes-te optimista em relação ao futuro, ou não vês grande esperança?

Para ser franco, pouco me importa. “*There’s no future*” parece-me a maior pérola de sabedoria que a geração punk nos deixou.

Para além da música, quais são os teus interesses?

Bom, tenho diversos interesses. Estudo astrologia, *tarot* e feitiçaria desde muito novo, adoro cozinhar e encontro um refúgio enorme na pintura quando necessito de relaxar.

E qual é a tua especialidade na cozinha?

Faço um pouco de tudo, mas adoro comida indiana. Tenho mais de 40 variedades de ervas e especiarias na minha cozinha!

E o que tens planeado para o futuro? Que podemos esperar dos Chanson Noire em 2010?

2010 ainda nos vai trazer um álbum de chanson, intitula-se *Música para os Mortos* e já está a ser forjado!

Excelentes notícias! Tens alguma data prevista para lançamento, ou é ainda muito cedo para falar nisso?

Esperançosamente antes do Verão teremos mais um hino pela libertinagem cá fora!

Queres deixar-nos algumas últimas palavras?

Meus caros, antes ser decadente com pompa e circunstância do que mais uma ovelha no matadouro. O bordel está aberto, tragam o champagne e juntem-se à revolução! •



Entre o Vício e a Virtude Satan e o caminho do entre

Vitor V.

Compreender, questionar, e refletir sobre o homem, seus pensamentos e ações sempre foi uma direção do pensamento. Na tentativa de entender e organizar a realidade, acabamos por nos tornar vítimas de binarismos, que por sua vez, longe estão de dar conta da sua complexidade.

No campo da moralidade não foi diferente. É preciso então reafirmar o que arquétipo de Satan nos sugere: seguir não o caminho dos extremos, mas o do entre.

De histórias infantis a discursos filosóficos dualidades de bom e mau, bonito e feio, e muitas outras sempre tiveram um espaço dentro do pensamento e das idéias. Mais do que um julgamento individual pertencente em

origem a alguns poucos, quando falamos de comportamento, acção, e tudo aquilo que possa dizer respeito à moralidade, acabamos por perceber que são estes exactos poucos que determinam a postura de todos os outros. Ou quase todos...

Isto significa dizer que, antes mesmo de nascermos e crescermos, conseguindo assim entender o que significa moral, seja como a disciplina filosófica ou o simples senso-comum das "regras de acção", já estamos a fazer parte de um mundo cheio delas, que, por sua vez, determinam directamente o nosso comportamento e vida como um todo. Reconhecer que não somos detentores de um poder tal que possa prescrever



como a nossa realidade social e cultural se dê, assim como que o modo como agimos e pensamos não provém de uma escolha verdadeira originária de uma forte reflexão crítica, são os primeiro passo para colocar em cheque o nosso *status quo*.

Longe de querer discurrir sobre pressupostos filosóficos mais específicos, o que pretendo com estas palavras iniciais é dizer que há valores externos ao indivíduo que existem independentes dele, e que é preciso reconhecê-los para então tentar modificá-los. Como comentei no início, muitos destes valores estão directamente ligados a dicotomias onde um pólo é julgado positivo e outro negativo; isto deve ser feito, e isto não deve ser feito. Por agora, pretendo tecer algumas palavras sobre o que temos como vícios e virtudes.

Esta dualidade tem a sua origem nos pensamentos de Platão e Sócrates, e foi ampliada em boa parte das tão importantes idéias desenvolvidas pelos gregos. Considera-se como virtude aquilo que é bom para si e para os outros, ou seja, trata-se da postura “correcta” a ser adotada pelo homem. De modo oposto, naturalmente, o vício seria o defeito, o caminho errante, a postura a ser evitada; dizia respeito às ações que consigo trariam implicações ruins para o indivíduo e/ou seus semelhantes. Mas quem determina o que são vícios e o que são virtudes? Quais são os parâmetros que

determinam um ou outro?

Estas simples questões levam-nos a caminhos muito distantes. Ao questionar se há um bem ou um mal absoluto, acabaríamos por chegar à questão do relativismo versus o absolutismo moral. Enquanto que o primeiro estabelece que não hajam valores objetivos para todo e qualquer homem, e que diferentes culturas determinam as suas maneiras de pensar e agir; o segundo leva-nos a crer que há determinados pressupostos comuns a todos que devem ser seguidos.

Antes de entrar em discussões que nos levem às origens da moralidade, o aspecto mais palpável de tudo isto é que hoje, agora, há um conjunto de X valores considerados vícios e Y valores considerados virtudes dentro, podemos dizer, de todo o pensamento ocidental. Naturalmente divergências há dentro de um conjunto tão abrangente, mas podemos considerar sem problemas um grosso em comum.

Temos assim uma relação directa com as idéias do Satanismo. Ao questionar, e até mesmo, a despeito de posturas mais inflamadas, renegar a moralidade cristã, questiona ele a posição de cada pequeno valor; se está ele no campo dos vícios, ou das virtudes. Não são respondidas de forma integral as perguntas feitas anteriormente, mas é concedida ao indivíduo a possibilidade de fazê-lo por si próprio. Trata-se da des-

construção de qualquer proposição de conduta aceitável *a priori*, assim como da imposição desta, justificada por instituição religiosa, argumento teológico, ou outros. Assim, além dos seus muitos outros predicativos e das 9 declarações, *Satan* constitui-se como o símbolo do indivíduo que determina o que lhe é um vício, e o que lhe é uma virtude.

Eu não poderia, entretanto, atestar que a religião em si não possuísse o seu próprio julgamento. Há sim uma pré-disposição, assim eu diria, para determinados tipos de condutas em funções de outra. Aspecto este que, por sinal, constitui um dos pilares do que se considera uma religião, que é a proposição de conduta. Não obstante, não há qualquer ponto absoluto dentro desta por parte do Satanismo, nem com relação a todo e qualquer homem, assim como o seu próprio praticante. Tudo é passível de aceitação e crítica, ainda que tenhamos as nossas próprias (mutáveis) convicções.

Questionar-se-ia ainda: há de se convir que o vício em si, independente de qual o seja, traz por essência uma conotação ruim. É facto que é isto que lhe dá unidade, ou seja, independente de qual seja o objecto, o julgamento é sempre negativo para que seja um vício. Assim sendo, se o Satanismo possui a sua própria voz, que não somente o permite dizer as suas próprias palavras, como também o incentiva a contestar a de terceiros, não seria ele apenas um sistema de idéias permissivas e coniventes com o que de facto traz consequências ruins?

Compreender que o vício e a virtude são categorias passíveis de questionamento por parte do indivíduo não as anula. Como lida então o Satanismo com os vícios? Não seria perigosa esta tendência mais crítica de desconsiderar qualquer “*não faça isso*”? Não estaria o satanista mais vulnerável a consequências nocivas das acções que se escondem por trás de uma liberdade indi-



“(...)Satan constitui-se como o símbolo do indivíduo que determina o que lhe é um vício, e o que lhe é uma virtude.”



“Não estaria o satanista mais vulnerável a consequências nocivas das acções que se escondem por trás de uma liberdade individual, de um “eu posso, eu faço”?”

vidual, de um “eu posso, eu faço”? Não seria a tolerância uma sabotagem de si mesmo, na medida em que por não desejarmos ser controlados por terceiros acabamos por ser coniventes com certas coisas, simplesmente para não termos de lhes dizer não?

Sem levarmos em conta reflexões particulares, encontramos dentro do próprio sistema Satanista elementos que funcionam como prevenção para que não nos deixemos levar pelos nossos vícios, nem percamos a nossa liberdade de determiná-los ao invés de nos pautarmos pelas virtudes alheias.

Não querendo fazer de LaVey um ídolo, ou ainda pressupor qualquer hierarquia, é válido comentar sobre o quanto acertada foi a construção do sistema satanista em si em certos aspectos. Certos dogmas foram forjados com certeza já tendo em vista evitar que por si próprio ele entrasse em curto-circuito. Isto é, LaVey estabeleceu princípios que nos protegem de nós mesmos. Se o eu é virtude, o mesmo eu também pode ser o vício.

O primeiro princípio a ser considerado é o pecado da auto-ilusão. Não sem motivos se eleva ao nível de pecado. Trata-se não de uma simples sugestão, ou de um despreocupado conselho. Trata-se do queimar-se com as chamas do inferno. É justamente ela que nos cega a ponto de não nos darmos conta do caminho errado que estamos a trilhar pelo simples facto de acreditarmos estar a seguir o correcto. E nada poderia ser mais fácil. Uma vez que todas as decisões são de responsabilidade do indivíduo, quem o poderia controlar se quem as determina são os seus pensamentos, idéias e especificidades? Se dentro do Satanismo não há instituição, hierarquia, lei máxima, ou até mesmo deuses para respeitarmos, quem poderia ir contra o eu? Qual virtude externa

ao indivíduo seria capaz de inibir os seus vícios internos?

É nestes momentos que percebemos que todas as “alegorias negras” do Satanismo fazem todo o sentido, e que de facto somos a religião do fogo. O fogo que ilumina e nos aquece é também o que destrói. Se dele precisamos nos manter próximos, qualquer contacto pode ser fatal. Cada acção, pensamento e atitude podem ser comparados a uma chama.

A preocupação em nível de dogma com a auto-ilusão é o reconhecimento de que podemos-nos queimar. É a sensibilidade para que não colecionemos queimaduras no decorrer das nossas vidas, debilitando assim o nosso corpo.

Mas e quando incorremos em pecado?

Quanto não são os momentos em que nos vemos em situações tais que nos forcem a agir de uma maneira que, por vezes, até acreditamos serem nocivas, mas que por fraqueza acabamos por fazê-lo? Quantas não são as circunstâncias que, mesmo não nos cegando a ponto de cremos estar agindo de forma válida, nos impelem a desviarmos dos nossos caminho e conduta? Ou até mesmo quem nunca que teve de sofrer com as consequências da inexperiência, que ainda que nos tenham feito aprender, acabaram por deixar as suas marcas?

Se o Satanismo nos diz para que não neguemos os nossos instintos, e que a natureza do homem animal não deve ser negada, em momento algum a palavra de ordem é “*segue os teus impulsos*”. Entra então em jogo o outro princípio satanista que actua para nos proteger dos nossos vícios.

Há no sistema religioso o que chamamos de graduação moral. Uma concisa tríplice de condutas: abstinência, indulgência, compulsão.

A abstinência, mais do que simplesmente a decisão do “*não farei*” traz consigo toda a discussão que comentei no início. Isto é, mais do que uma opção individual, a abstinência por vezes tem como motivos determinações externas, podendo ser religiosas, culturais, etc.

A compulsão leva-nos ao grande cenário dos problemas. O Satanismo fortemente influenciado pela postura hedonista não mede esforços para elevar o reconhecimento do prazer por parte do homem, constituindo-se este assim como o fim último de todas as suas acções. Trata-se de um impulso natural e inexorável, não se vive para a dor, seu oposto directo. Satisfação, alegria, gozo, bem-estar, todos estas são as metas de qualquer ser humano. Entretanto, a dor também é constituinte básica da nossa vida. Quando o nosso corpo

sofre algum prejuízo que comprometa o seu funcionamento e, por conseguinte, a vida, é a dor o sinal de alerta. A natureza criou-nos de modo a sermos capazes de reconhecer problemas e perceber que algo connosco está errado. Com a vida ocorre o mesmo, e as consequências negativas dos nossos actos também devem ser entendidos como indicativos de que estes não devem ser repetidos. Naturalmente, viver sem dores em tempos de tantas vicissitudes significaria um isolamento total, o que não cabe quando estamos a falar da dívida do viver. Pois a vida é justamente este impulso; é a batida interna que nos faz ser, agir, crescer, estar sempre sendo; é movimento.

É na busca por prazer em vida que podemos nos deparar com grandes pesares. São muitos os exemplos...

O sexo apresenta-nos vários. É cada vez mais recorrente a divulgação de informações com relação a DSTs, gravidez precoce, e tantos outros problemas mais relacionados com o tema. E se estamos a lidar com uma questão social complicada, mais ainda esta é se levarmos em conta que estamos a tratar de um factor plenamente instintivo. A reprodução da espécie, predisposição inata de todo o ser vivo, não vem sozinha; o acto nos proporciona o gozo do orgasmo. Todos sabemos as suas implicações, mas quem disse que sempre fala a razão mais alto?

Se o desejo sexual é algo do qual não se pode abrir mão tão facilmente, que dirá ainda o convívio com os nossos semelhantes? O homem é um animal social, e a menos que consideremos os “tarzans” da vida, não há como escaparmos do outro. E não dificilmente nas interações nos deixamos levar por impulsos. Seja numa discussão quando a nossa raiva fala mais alto, seja num acto de covardia para com o próximo por pura inveja, etc. Os sete pecados capitais, cuja “defesa” consta na própria BS expressam exatamente muitos dos impulsos possíveis que podemos ter. Consequências negativas? Podem e vêm junto.

E se até ao momento consideramos apenas por alto o que poderíamos chamar da noção filosófica de vício, não poderíamos deixar de lado a sua acepção mais recente. Por vício hoje não mais pensamos em simples direcionamento moral negativo, mas sim nos remetemos directamente a um determinado hábito, de frequência considerável e indubitavelmente nocivo ao nosso corpo.

Não poderíamos falar de vícios sem falar do que nos causa vícios. Bebidas, cigarros, drogas. Válvulas de escape, simples estilo, influência de terceiros,



recreação, enfim, muitas são as motivações para o consumo de substâncias que agem de forma tal no nosso organismo que podemos chegar ao ponto de abrigar em nós uma necessidade física, química e psicológica que acaba por destruir a vida de muitos.

Quanto aos cigarros podemos ver que nas últimas décadas o seu consumo, ainda que em grande quantidade, vem sendo reduzido. Trata-se de um hábito extremamente perigoso por ter como aliado um certo silêncio. Os seus grandes males só podem ser percebidos quando tudo já chegou a um nível tal onde já não se pode voltar atrás. É o prazer momentâneo de anos, que muitas vezes traz como revés mortes dolorosas. Quanto à bebida, ao menos esta, ainda que não seja 100% saudável, pode ser consumida sem grandes riscos ou problemas visíveis. Mas como estamos a tratar de compulsão, não podemos deixar de lado os que a ela se entregam, e passam a depender do álcool para conseguirem viver.

Quanto às drogas, acabamos por tocar num assunto complicado. Muitas são as questões envolvidas. Há níveis seguros de consumo? E caso haja tais níveis, conseguiria eu manter-me

neles? Há implicações sociais prejudiciais a mim e a terceiros para a qual eu contribua e possa ser considerado responsável? Havendo, como conciliar o meu consumo com uma não ocorrência destas implicações, uma vez que não as desejo? Quais os perigos que eu corro com a utilização de determinada substância? Não estaria a gastar o meu dinheiro em algo tão passageiro? Assim sendo, tudo o que resta ser feito diz respeito ao indivíduo. Somente ele poderá conhecer os seus limites e responder para si próprio se aceita todas as circunstâncias que virão com o uso de uma substância ou outra.

Diante de tantas possibilidades de vícios, de actos nocivos, de acções de consequências prejudiciais, o Satanismo fornece-nos, justamente com a sua indulgência, o caminho para que possamos conciliar prazer e segurança. É com o elemento neutro da tríplice de conduta que destruímos as amarras e cadeados que tentam colocar-nos sem que nos deixemos bater contra postes por não sabermos conduzir o nosso próprio veículo.

Assim sendo, o que podemos perceber com todo o exposto é que toda unilateralidade é desconsiderada pelo

Satanismo. É a religião não do caminho direito ou esquerdo, mas sim a via do entre. Ao elevar o indivíduo permitindo-lhe determinar o que são os seus vícios e o que são as suas virtudes, coloca-se ele, graças à religião, não ao lado de um ou outro, mas sim no meio, agindo e pensamento tendo a si mesmo como centro.

Da mesma forma, ao tomarmos a indulgência satanista, novamente estaremos a lidar com o meio termo entre dois pólos distintos. Podemos considerar assim mais um predicativo do símbolo máximo da religião. *Satan* é equilíbrio. É a partir do caminho do entre que podemos desenvolver uma noção de moralidade que não peque por excessos, nem por faltas. Somente assim poderemos desfrutar da nossa curta estadia na Terra sem que sejamos impedidos de agir de acordo com os nossos instintos e desejos; da mesma forma que conseguimos desenvolver uma cautela e controle sobre nós mesmos que nos impeça de termos de compensar pequenas doses de prazer com grandes de dor. Uma árvore que não possui raízes fortes não pode esbanjar a beleza dos seus galhos, folhas e frutos. Pode até chegar a tê-los, mas caem. •



"Se o eu é virtude, o mesmo eu também pode ser o vício."







Dependência vs Compulsão

Naive

A Dependência pode sugerir falta de autonomia, a Compulsão falta de controlo, se forem analisadas numa perspectiva negativista, ou destrutiva, depreendendo por este prisma algo nefasto para a afirmação e realização do ser enquanto individualidade própria, responsável pelas rédeas da sua vida, e nunca delegando de si o leme dos seus instintos mais possessos.



Paradoxalmente, como em tudo o que nos move, existe a outra face da moeda, bem mais positivista, ou antes realista, quando se compreende do indivíduo a sua dependência de algo ou alguém como carência inerente à sua natureza existencial, à qual não se deve subjugar compulsivamente, mas dela tirar proveito, compreendendo a pulsação do seu íntimo, e direccionando a sua cadência para um sentido mais construtivo e evolutivo.

Interessa por isso reflectir sobre ambos os prismas paralelamente, condenando o primeiro, mais redutor, regressivo e infelizmente massificado no comportamento individual e social do Homem, e aprofundando o segundo, mais introspectivo, naturalista, e produtivo, usufruindo do seu intelecto como canalizador das dependências intrínsecas, e não castrador ou exorcizador compulsivo das mesmas!

Individualmente, o Homem, como qualquer outro animal, é um ser afectivo, e como tal Ama e precisa de ser Amado. Negar esta dependência é ir contra a natureza do Ser Vivo na mais primária forma de o ser, pois qual é o animal doméstico ou selvagem que se furta a umas festas dadas pelo “dono” e/ou carícias de outros membros da sua espécie? E até mesmo as plantas sentem e se desenvolvem com o afecto que lhes dedicamos... (*A Vida Secreta das Plantas*, de Peter Tompkins e Christopher Bird)

O Amor, ou Afecto, tem o condão, ou efeito catalítico, de mobilizar o lado sensitivo e espiritual do Ser, sendo uma carência saudável e mesmo Essencial à vivência e evolução da espécie. Por outro lado atinge extremos compulsivos e mesmo doentios no Homem, quando lhe desperta o sentido de possessão a que chamamos ciúme, o qual pode ser responsável por actos opressivos, como o sufoco do companheiro(a), a monopolização do seu tempo e atenção, até actos de violência física. Estas atitudes revelam negligência do indivíduo perante o seu lado sentimental, e um profundo desrespeito pelo do próximo, que, tal como ele, deve ser livre e timoneiro de si mesmo, não obedecendo a uma exclusividade afectiva.

Da mesma forma o Homem, por falta de informação, ou mero comodismo da ignorância, não é capaz de reconhecer e tomar contacto com a sua divindade própria, e fazer-se depender dela autonomamente para encontrar o seu equilíbrio e força interiores para alcançar os seus desejos e objectivos de vida. Por isso surgiram as divindades comuns, que suprimem esse vazio e falta de confiança nas mentes ocas e amedrontadas, e atingem extremos compulsivos, como a Imposição de uma doutrina religiosa, por vias tão ditadoras e triviais, como os sacrifícios de animais, as guerras que a história vem retratando ao longo do tempo, até

à célebre Inquisição, passando pelos mártires que a Humanidade contempla, desde o profeta do cristianismo aos kamikazes muçulmanos, espectros de pura vitimização com desígnios redentores, que operam em nome de uma sagrada divindade que lhes foi imposta, e à qual é suposto todo o ser humano se vergar.

Para alguns dissidentes da religião, na maior parte das vezes por mera rebeldia de “ser do contra”, sem fundamento sustentado, surgiu, em substituição do “deus oculto”, o culto da personalidade alheia, onde determinada ideologia defendida por uma pessoa, (seja um filósofo, um artista, um político) se torna mais de que um objecto de análise, sujeito à interpretação e filtragem do seu receptor, e passa a ser verdade absoluta e a dominá-lo como lei existencial. Exemplos compulsivos desta dependência são vários, desde as seitas suicidas, que agem por intenção manipuladora, aos venerados ícones de uma geração, que expressando o seu mundo interior e condutas próprias da sua individualidade, são elevados a um pedestal de adoração por parte dos seus seguidores mais dependentes e influenciáveis ... Quem não se lembra dos acontecimentos subsequentes à morte do malogrado líder dos Nirvana, Kurt Cobain? Em que houve fãs doentios a seguir o exemplo do seu ídolo, e foi instalada de emergência uma linha







de apoio psicológico aos restantes desesperados com tendências suicidas!

Pegando positivamente nesta figura incontornável da história da música, e prestando o devido tributo ao seu legado artístico, enveredo agora pela minha experiência pessoal, a qual não foi isenta deste tipo de adoração cega, muito pelo contrário, mas compreendo hoje que tive de passar por essa cegueira para alcançar a clarividência que tenho hoje, e me esforçarei por melhorar amanhã...

Nirvana abriu-me a Alma, poliu-me a Alma, pegou-me na raiva, na frustração, na desolação, na melancolia, no desespero, e exorcizou-os de mim, ou foi a companhia ideal nesse sentido em determinado momento da minha vida. Nirvana tirou-me a virgindade, foi a minha iniciação ao que hoje chamo Música, um dos veículos de absorção e expressão mais essenciais à minha vivência. Não que não tivesse já ouvido música, mas Nirvana abalou-me com a estrutura sensitiva, percorria-me a espinha em avalanches de arrepios, com uma intensidade possessiva da qual

me tornei COMPULSIVAMENTE DEPENDENTE. E hoje ainda o sou, não de Nirvana, que suguei até à raiz do tutano, (embora existam sempre centelhas remanescentes dessa combustão primordial) mas de Tantas Outras; Artísticas, (Moonspell foi o elo que me fez tomar contacto com a APS) Humanas (a minha Deusa e o nosso Deus de 4 primaveras, os meus amigos, poucos mas Bons), Naturistas (a noite, o luar, as estrelas, a neblina, a chuva, o mar, o nascer e o pôr do sol...) Influências TÃO VITAIS à minha natureza individual, que me inspiram e impulsionam a AMAR, a CRIAR, a "SENTIR TUDO DE TODAS AS MANEIRAS", citando Álvaro de Campos com a devida vénia espiritual!

Podia ainda abordar outras dependências que se tornaram compulsões, e vice-versa, como o dinheiro, a droga, a sociedade, o sistema político... mas estaria a ser retórico e a abusar indevidamente de uma exortação que muito amavelmente me foi despontada, e à qual agradeço profundamente o seu sentido erógeno na minha pessoa. •


*Não que não tivesse
já ouvido música,
mas Nirvana abalou-me
com a estrutura
sensitiva, percorria-me
a espinha em avalanches
de arrepios,
com uma intensidade
possessiva da qual
me tornei COMPULSIVAMENTE
DEPENDENTE.*






Enteogenias e transcendências individuais na contra-história das drogas

BM Resende



“Quem ficar ofendido com a ideia de que engolir um comprimido pode contribuir para uma experiência genuinamente religiosa deverá recordar que todas as mortificações normais – o jejum, a vigília voluntária e a autoflagelação – que os ascetas de todas as religiões se autoinfligem com o objectivo de adquirir mérito são também, como as drogas alteradoras da mente, poderosos dispositivos para alterar a química do corpo em geral e o sistema nervoso em particular.”

Aldous Huxley

As ingestões de substâncias integram permanentemente a existência humana, tal como as alterações por elas derivadas, aquilo que se ingere será parte daquilo que efectivamente se é, entre as interacções do açúcar com a bioquímica humana, ou o café, entre as potências alteradoras de neuroquímicas pelo cloridrato de sertrali-

na, ou a dietilamida do ácido lisérgico, é um princípio inequívoco a ingestão de pluralidades de substâncias por pluralidades de formas possíveis, procedimentos universais ao mais basilar existencialismo humano, as dinâmicas químicas e nervosas surgem assim em alteração permanente.

Afigura-se então a necessidade im-

periosa de conhecimento entre o que é e o que não é, entre as possibilidades e as alterações albergando a clarividência de desconsiderar radicalmente qualquer forma legislativa de proibição da natureza, ou partes da mesma, por forma a não eliminar partes de história e evolução humana, ou seus retrocessos, percepção espiritual e as mais profundas consciências da consciência, a exemplo, a avaliação da relação entre botânica e a história humana, território pouco explorado pelo conhecimento de forma mais ou menos abrangente, remetido constantemente ao oculto pelos constantes medos infundamentados, pelas produções de demonizações perpétuas por estruturas de desinformação de culturas dominantes, e pela histeria popular, derivada da aberrante ignorância histórica, consequente da mitologia urbana propagada em chavões jornalísticos. A Natureza pode ser considerada como o laboratório máximo da experimentação, o pensamento científico alarga-se então e não se resume à escolástica amorfa derivada das raízes judaico-cristãs, não é portanto imperioso conhecer processos complexos da termodinâmica para conseguir cozer batatas.





Em virtude dos passos em frente que se escolhem para um futuro urge sempre a necessidade de conhecimento dos passos passados, ou sofre-se a eternidade do erro presente repetido, os rumos que dão a si mesmos por cegueiras originárias na compulsão do espaço presente, do tempo presente, uma permanência no mesmo, e já revelado infeliz. Das constantes guerras que buscam a impossibilidade da paz, da acumulação de riquezas centralizadas que buscam a sobrevivência de massas sem que elas algum dia vivam de facto, do genocídio planetário em poluições e destruições ecológicas em busca do conforto da espécie em ambiências artificiais, formas de caminhar para a morte com vendas. O aparente desenvolvimento ocidental colapsa sobre si mesmo numa variância de formas facilmente perceptíveis, uma possibilidade de comparação surge nas sociedades normalmente definidas por xamânicas, pré-civilizacionais, ou segundo a etnocentria ocidental, arcaicas, onde a traços gerais é visível a abstracção da conquista territorial na sua forma imperialista, a constante convicção de preservação de ecossistemas onde o indivíduo se identifica com o mesmo, simbioticamente, onde a maravilha do contacto natural contrasta com a necessidade da produção de ambiências artificiais sobre estritas condições de existência, no fundo uma predominância da feminilidade curiosa, obscura, subjectiva, sensual e emocional, em estruturação contrária aos cultos solares monoteístas, compulsivos por poder, hierárquicos, masculinizados, uniformizadores e totalitários.

Por forma simplificada muitos clamam por um culto da deusa, uma contra-história das sociedades, uma história humana então, um vigor dionisíaco resuscitado de uma Antiga Grécia cuja presença é permanente nos meandros mais ocultos do inconsciente, uma ritualística em torno do natural, uma aproximação inata aos basilares cinco elementos, comumente se designaria em múltiplos nomes possíveis, bruxaria, panteísmo, satanismo, xamanismo, paganismo, magia negra, psicadelismo, e derivados com devidas simbologias associadas, ritualizações mais ou menos dogmatizadas e deformadas por cultos monoteístas. Aparentemente a génese diverge no princípio, culto solar masculino ou culto lunar feminino, deificação humana ou deificação do cosmos, com óbvias manifestações intermediárias e até mesmo cruzadas. Existindo óbvias excepções a estes conceitos, estes serão obviamente arquetípicos e não universais.



Partindo de um simples pensamento dualista se podem fazer as delimitações de fronteiras entre as preocupações dos universos interiores, consciência, e as exterioridades ao indivíduo, uma deambulação que remete à percepção jungiana onde o aproximamento do universo interno gera o afastamento do universo externo e vice-versa, uma correlação filosófica que em contextualização ocidental se afigura rapidamente como a antinomia entre indivíduo e sociedade. A escolha quando possibilitada enverga a usurpação da individualidade em favor da hegemonia social, ou o seu contrário, um trilho dualista onde os limbos se tornam de extrema complexidade, ou onde o oculto se torna escapatória à lógica pós-socrática dominante. Aparentemente as viagens nos universos interiores provocam a deificação do cosmos pela dissolução do ego, ainda mais a desconstrução do egoísmo, uma afirmação de individualidade que encarna um esoterismo universalizável, uma consciência amplificada cuja percepção se direcciona pelo inconsciente, logo, independente de ideologias e desconstrutora das miméticas sociais e conceitos culturalmente apreendidos, não é então de espantar as emanções esotéricas em contexto universalizável entre culturas que aparentemente nunca estiveram em contacto, ou seja, estiveram em contacto mas tão somente através da natureza do planeta que habitam, pela teoria da contextualização do contacto permanente com o natural através de substâncias existentes em diversos habitats ou com propriedades similares se afigura que as tentativas de relacionamento entre a mística egípcia e a maia possuem explicações mais

simples, demasiadamente simples, que visitas alienígenas, contactos marítimos, ou raças inteligentes ancestrais terráqueas já desaparecidas, no fundo toda a espectacularidade das teorias parece sucumbir pela mera existência de plantas. A radicalidade etnobotânica eleva-se ao auge através do Pão dos Deuses de Tarence McKenna, onde as bases sólidas para uma teoria impossível se constroem, “As plantas alucinogénicas podem ter sido os catalisadores de tudo o que nos distingue dos outros primatas superiores, de todas as funções mentais que associamos à condição humana”.

O gatilho da consciência pode ser explicado pela botânica de forma descomplexada, excessivamente simples para implodir múltiplas teorias de construções racionais e intelectuais avultadas, mas afinal não seria essa simplicidade o recurso mais óbvio? O nomadismo transforma-se em sedentarismo quando o Homem se dedica à criação de gado, esse gado produz quantidades enormes de dejectos, os cogumelos alucinogénicos nascem em quantidades consideráveis nesses dejectos, a necessidade de voltar ao nomadismo passa a universo interior

“A Natureza pode ser considerada como o laboratório máximo da experimentação, o pensamento científico alarga-se então e não se resume à escolástica amorfa derivada das raízes judaico-cristãs, não é portanto imperioso conhecer processos complexos da termodinâmica para conseguir cozer batatas.”



“a mundivisão uniformizadora parece adquirir as percepções basilares relacionadas por experiências psicadélicas, a dissolução do ego e o rompimento das fronteiras corporais, a sensação de comunhão numa unidade cósmica...”



viajante através da enteogenia, consequentemente os fluxos emocionais causam a angústia de não conseguirem ser comunicáveis, e nasce a linguagem, a arte, a poesia. O anteriormente abordado é nada mais que um resumo resumido, outras mínimas percepções da evolução nestes moldes necessitam de muitos outros dados e fios condutores, obviamente, pinturas rupestres de cogumelos e de gado solidificam as imagéticas aludidas, e podem acarretar a construção de fios condutores de plausibilidade lúcida.

Esta simplicidade da teoria etnobotânica de evolucionismo humano, e consequente retrocesso, eleva-se a uma

complexidade ainda maior de percepção advinda da culturalização sofrida pelo indivíduo contextualizado no ocidente monoteísta, aparentemente a contra-história de tudo e mais alguma coisa é o cerne intransponível da compreensão existencial, considere-se então os eventos históricos cunhados de gênese civilizacional como o seu contrário, quedas como Alexandria às mãos de um cristianismo bárbaro e ignorante, imperialista e sujo, visto como gênese da civilização que hoje ocupamos, pode então ser visto como a queda civilizacional e o advento da selvajaria em proporções antes inimagináveis, um pouco por todo o mundo e hoje revestida à limpeza secular onde a gênese permanecesse igual. Então sabendo, a exemplo, que os celebrados Mistérios de Elêusis incluíam os maiores pensadores da Antiga Grécia e o consumo de poções alucinogénicas, e pelas palavras de Michael Pollan, “Será absurdo perguntar se tal experiência poderá ter ajudado a inspirar a metafísica sobrenatural de Platão?”.

A descoberta relativamente recente das fontes ritualistas espalhadas pelo espaço e pelo tempo deriva inequivocamente para a ingestão de plantas alucinogénicas ou mais complexamente a produção de poções mágicas, tais como a Ayahuasca, ainda produzida e ritualizada pelos sobreviventes à evangelização pestilenta pelas Américas, o afastamento do Homem da Natureza inconsciencializa-o e torna-o uma co-baia passível de controlo pelas reactividades de paranóia social relativamente à potência transcendental existente na Natureza, a produção laboratorial de drogas específicas receitadas perante a ignorância química e histórica das massas torna o pensamento de um controlo global dos indivíduos pela via farmacológica estarecedor. Tais méto-

dos de inversão conceptual proíbem a transcendência individual e obrigam a uma submissão controlada em colectivo, a comprovação da lógica ideia de guerra farmacológica derivada do LSD causou a percepção da necessidade imperiosa da manutenção de elitismos ocultos perante os poderes dominadores, e de facto, o “misticismo aplicado” de Aldous Huxley, de percepção pós-religiosa e perspectivismo aristocrático demonstrou-se mais produtivo de sapiência pura que a explosão popular revolucionária de Timothy Leary que rapidamente desencadeou a proibição de investigações e experiências. As vontades de Leary seguiram a reactividade profetizada por Huxley, a perturbação dos “filisteus – do Vaticano a Harvard, os gestores da consciência estão no ramo há muito e não fazem tenção de abrir mão do seu monopólio. Há pessoas nesta sociedade que farão tudo quanto estiver ao alcance do seu considerável poder para impedir a nossa investigação”.

Mas mais que as proibições e perseguições, as desinformações e demonizações, rapidamente o cenário revolucionário se inverteu para aparentemente proporcionar as mais mortíferas drogas para a consciência humana, a mundivisão uniformizadora parece adquirir as percepções basilares relacionadas por experiências psicadélicas, a dissolução do ego e o rompimento das fronteiras corporais, a sensação de comunhão numa unidade cósmica, pela inversão da transcendência individual para uma redução de consciência por sujeição, coisificação do Homem, a alteração de consciência inverte-se pela vontade, da teorizada vontade de ser em absoluto do indivíduo, do instinto pessoal pela alteração de consciência, a inversão torna-se na vontade alheia que submete o indivíduo às vontades que não são as suas, onde o conformismo e a inércia calcam o consciente para um estado de apatia. Segundo o pioneiro da realidade virtual, Jaron Lanier, “quase todos os fundadores da indústria dos computadores pessoais eram hippies do tipo psicadélico”, as percepções de grelhas interligadoras de espaço e tempo e a sua sensação de presença parecem encarnar nos fenómenos da internet e da televisão, a globalização aparenta o total encaixe com a percepção da unidade cósmica. Assim sendo, é possível considerar a televisão como a droga mais tóxica alguma vez inventada, e a sua imperialização como uma doença que não possui fronteiras, a brutal dependência que causa e a sua toxicidade podem argumentar em favor da percepção do terror de





1984 de George Orwell. A facilidade com que não é apercebida como narcótico deriva dos valores culturais, a ingestão visual é louvada, aparentemente por induzir uma ideia de consumo por forma indirecta.

O tempo de ocultismo permanece, o pico do iceberg visto na década de sessenta elucida de forma iluminada os factores favoráveis e contrários a uma multiplicidade de perspectivismo, fora quebrada a regra implícita do mistério, da iniciação ao ritual, seguindo a percepção mais tradicionalista de Aldous Huxley, “Estas questões são evolucionistas, não é possível apressá-las. Trabalhe em privado. Inicie artistas, escritores, poetas, músicos de jazz, cortesãos elegantes, pintores e boémios ricos e estes iniciarão os ricos inteligentes. É assim que tudo o que respeita à cultura, à beleza e à liberdade filosófica tem sido transmitido”. Saliente-se alguns exemplos destas percepções, os encontros dos escritores posteriormen-

te alcunhados de malditos, como Charles Baudelaire e Thomas de Quincey, ambos abertamente auto-intitulados consumidores de ópio, ambos com trabalhos publicados exclusivamente sobre a temática da ingestão de substâncias alteradoras de consciência, ou as consideradas bizarras formas de inspiração para a produção literária, como a salientada por Jules Michelet, a inspiração de cheiro forte a urina num urinol, as formulações mais ou menos secretas de alterações de consciência permaneceram assim até à explosão psicadélica Americana, e consequentes maldições e bênçãos derivadas. Afinal, uma escolha entre demonstração pública do mais íntimo segredo ou a sua demonstração por forma de consequência, arte muitas vezes. Aparentemente o objectivo mais amplo de Huxley não foi atingido nem nunca o será, segundo Albert Hoffmann “O objectivo de Aldous Huxley era mostrar como o poder intrínseco destas drogas sacramentais

podia ser usado em prol do bem-estar daqueles que vivem numa sociedade tecnológica hostil às revelações místicas”, não obstante a paranóia social derivada de uma possível excessividade de exposição pública, de erros e abusos em investigações laboratoriais de ambiente insípida hospitalar e projectos de controlo mental aberrantes, conhecimentos avulsos da potência mental em estados de consciência alterada são capazes de dinamitar qualquer sociedade e torná-la completamente inútil e fútil perante o poder do pensamento emotivo.

É também notório salientar o envolvimento da droga alteradora de consciência denominada LSD com algumas das mais importantes descobertas recentes da humanidade, a dedução da estrutura da dupla hélice do ADN por Francis Crick é feita sobre o efeito do LSD, facto que foi escondido pelo cientista para além de ter obrigado os amigos a manter em segredo tal facto que potenciou a descoberta denominada “o segredo da vida”, tal revelação veio a ser feita após a morte do cientista a par do seu óbvio entusiasmo com o romanticismo de Aldous Huxley e a participação na fundação do grupo britânico Soma no final dos anos sessenta com objectivos de legalização da canábis. Também a invenção da reacção em cadeia da polimérase galardoada com o Nobel da Química em 1993 é feita em idênticas circunstâncias, tendo o cientista Kary Mullis afirmado “ter dúvidas de que teria feito a descoberta se não tivesse tomado LSD”, ou a co-invenção da linguagem de programação de realidade virtual, VRML, feita por Mark Pesce ter sido, segundo o mesmo, “especificamente catalisada numa experiência psicadélica”. Eva continua a comer os frutos das árvores proibidas.

Facto certo dentro do absolutismo da subjectividade individual, a céu aberto ou remetida ao oculto, em rituais dionisiacos emaranhados de Natureza, ou em segredos laboratoriais de busca da genialidade, a viagem psicadélica continua... •

***...“As plantas alucinogénicas podem ter sido os catalisadores de tudo o que nos distingue dos outros primatas superiores, de todas as funções mentais que associamos à condição humana”.
escravizando a sede por sangue.***





O Monstro, o Escravo, o Hábito e o Criado Dele

Outubro



Sexta-feira. Felicidade. Mais uma noite louca e glamorosa, em casa do homem cuja “qualidade de vida” se poderia sumariamente definir no elevado rácio de amigos sorridentes, por metro quadrado, e aparente ausência de problemas reais, ou pelo menos na visível relutância de os contemplar à luz do sol.

Nas janelas da caótica cobertura, espessas cortinas preveniam a luz indiscreta da manhã, assegurando ao anfitrião, aos convivas e ao imenso estendal de copos, garrafas, pratos sujos, espelhos empoeirados e caixas vazias de catering, algumas horas extra de noite, e a conveniente protecção dos incómodos feixes de luz poeirenta a anunciar-lhe o fim.

Sempre que me vestia para essas noites, pensava em tudo isso: não apenas na promessa de longas horas frenéticas, não apenas na miríade de possibilidades que encerravam, mas também na visão romanescas desses fins de noite, o momento em que os gritos e as gargalhadas no elevador, se diluíam aos poucos, as horas intermináveis em que o sossego conquistava a casa, e se anunciava certo, sagrado e incorruptível numa lamela de Xanax. Aqueles breves momentos de intimidade que tão secretamente desejava, até que o sedativo o levasse para os braços de um Morfeu surdo e pesado. O momento em que lhe acariciava a testa em segredo e me despiu da amante crua, do sarcasmo que pontuava as nossas exposições públicas de humor, abrindo por instantes as portas ao amor, seu inimigo mortal. Depois pegava no casaco e saía, fechando silenciosamente a porta, tentando perpetuar na memória o cheiro inconfundível da escada, os ruídos rítmicos do elevador, ao descer cada andar, por saber que muito em breve, teria de fugir a tudo aquilo: A ele, ao desamor, às festas e à sua insuspeita carcereira, a Madame cocaína. A ela parecia dever a sua preciosa



“emancipação” à realidade, a sua devoção a um cinismo oco e seguro, própria de quem mais não espera da vida, que a sua inerente fealdade, boiando nela como rei e escravo.

Sim, a minha estrela era um escravo e eu bebia-o enquanto podia, sabendo-o perdido. A imagem perfeita de um esplendor inteligente e estúpido, estranhamente cativante do qual me via forçada a desistir, quanto mais não fosse por instinto de sobrevivência.

Numa dessas manhãs, saí para uma segunda-feira, igual a tantas outras, parando numa das pastelarias das grandes avenidas, para um promotor pequeno-almoço anónimo, antes de me disparar auto-estrada fora, até ao meu canto. De olhos confortavelmente escondidos atrás de uns enormes óculos de sol, observei os transeuntes, de duche tomado e rostos arrancados ao sono.

Salvos pela realidade, pensei. Não sabem da missa a metade. Os vampiros da “branca” dormem neste instante, em camas de lençóis sujos.

A meu lado dois homens aprumados, de gravata e fato escuro, discutiam empolgados diante de dois cafés. Eram obviamente de cores políticas diferentes e retórica política de cada um, pautada por lugares-comuns facilmente identificáveis num qualquer matutino, parecia obedecer não à razão, mas ao hábito,

“O sol de inverno brilhava, emprestando à cidade uma luminosidade azulada ligeiramente nevoenta, como se a estivesse a ver atrás de uma janela fosca e a lucidez se bastasse ao interior do habitat. A caminho da auto-estrada, fui surpreendida por uma manifestação, que acabou por parar o trânsito.”



ou quem sabe, à necessidade identitária de alimentar ódios de estimação. A dada altura disfarcei um ataque de riso, pois ambos diziam o mesmo, resistindo estoicamente à gritante semelhança das visões, agarrados à retórica do partido, num ensaio interminável de casmurrice compulsiva, como se apenas esta os pudesse salvar de uma iminente crise de identidade.

Bocejei.

Os homens precisam de deuses, pensei, mas o que está realmente por detrás disso é o secreto desejo de o serem. O cocainómano, o militante, ou o mártir activista. Todos iguais. Todos centram na respectiva “crença” o veículo para se distinguirem dos demais, reis-escravos, suicidas ou não. É a compulsão que rege as suas vidas e lhes empresta a ilusão do régio, da identidade... Até que a perdem de vez, escravos de um ciclo voluntariamente perpetuado, ou da retórica a que voluntariamente se votam, incapazes de observar na diferença, pontuais e louváveis semelhanças, perdidos para sempre do ódio e do amor reais, dependentes do mundo, das palavras, dos rostos, dos actos e das substâncias, que neles produzam pretextos para a alienação, ou para um ódio fastidiosamente redundante, traduzido em reacções fastidiosamente redundantes, às vezes de uma futilidade e de uma violência escabrosas – com a conveniente exclusão dos sentidos – evidentemente.

A razão é uma ameaça. Um agente subversivo, capaz de abalar as suas convicções, comprometendo o seu reino imaginário, a sua soberania virtual, nem que seja nos breves instantes que antecedem a morte diária a que se votam, ao desistir de pensar (com Xanax ou retórica política). Por isso se preferem prisioneiros da causa, da substância, ou do seu “régio” cinismo, reduzindo a realidade aos factos repugnantes que os protegem do pavor de verem nos outros mais do que a sua própria fealdade.

Paradoxalmente, é do compromisso, da prova e das expectativas alheias que fogem. Nem o cinismo desencantado, nem as convicções os comprometem, na medida em que se replicam numa multidão de criaturas semelhantes, traduzindo-se seja no tradicional despotismo das massas, seja, entre outros, no estereótipo do drogado glamoroso, cujo sono depende do sedativo, mas completa um quadro socialmente invejável, para um número considerável de imbecis.

- São dois euros e vinte. – exclamou o empregado, arrancando-me à minha inesperada viagem matinal, pelos mares da compulsão humana.



Paguei e saí.

Junto à arcada onde tinha o carro estacionado, estava um indigente, aparentemente ocupado na sua manicura, retirando bolinhas de sarro das unhas amareladas, rematadas por uma ampla faixa negra, a trautear Xutos e Pontapés.

- Senhora, uma moedinha para o mata-bicho.

Ao menos é honesto, pensei, balbuciando:

- Não tenho trocos. – depois, parado por instantes de procurar a chave olhei-o longamente.

- Você parece contente. Dá-lhe gozo viver assim?

- Não trocava o meu papelão pelo melhor quarto de hotel. Sou livre, senhora, livre.

Boa. Será a negação a derradeira estratégia? – pensei.

Espantoso.

Meti-me no carro e arranquei rumo a casa. O sol de inverno brilhava, emprestando à cidade uma luminosidade azulada ligeiramente nevoenta, como

se a estivesse a ver atrás de uma janela fosca e a lucidez se bastasse ao interior do habitáculo. A caminho da auto-estrada, fui surpreendida por uma manifestação, que acabou por parar o trânsito.

Rostos zangados e afogueados de adrenalina gritavam:

- Corruptos, o povo não é burro, corruptos, o povo não é burro.

Ai não? – pensei eu.

- Morte ao capitalismo. Bancários para o calabouço.

A negação é a derradeira estratégia, a “democracia”, um pacote de liberdades consoladoras e o protesto de rua, uma redundância tanto maior quanto menos passível de solução for o protesto. Ao povo se reserva o direito de gritar a plenos pulmões, aliviando obstipações e dando a si próprio o protagonismo necessário para se arrancar por instantes ao anonimato.

Ali estava o povo.

O monstro, o escravo, o hábito e o criado dele. •



O BORDEL ESTÁ ABERTO



JÁ DISPONIVEL

na loja da APS
<http://loja.apsatanismo.org>

e em discotecas com classe